



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UNB)  
FACULDADE DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – FCI  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**

**ORGANIZAÇÃO DA MEMÓRIA DE EVENTOS CIENTÍFICOS:** Comunicações  
formais e informais do Seminário Hispano-Brasileiro de Pesquisa em Informação,  
Documentação e Sociedade

**BRASÍLIA, 2025**

AGLAIA OLIVEIRA BASTOS

**ORGANIZAÇÃO DA MEMÓRIA DE EVENTOS CIENTÍFICOS:** Comunicações formais e informais do Seminário Hispano-Brasileiro de Pesquisa em Informação, Documentação e Sociedade

Dissertação de mestrado apresentada à banca examinadora como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Ciência da Informação pela Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Elmira Luzia Melo Soares Simeão.

Brasília

2025

## FICHA CATALOGRÁFICA

B327o Bastos, Aglaia.  
Organização da memória de eventos científicos: [recurso eletrônico]  
: Comunicações formais e informais do Seminário Hispano-  
Brasileiro de Pesquisa em Informação, Documentação e Sociedade /  
Aglaia Bastos. – Dados eletrônicos (1 arquivo : 96 f., pdf). – 2025.

Orientador(a): Elmira Simeão.  
, 2025.  
Inclui bibliografia.

1. Comunicação formal. 2. Comunicação Informal. 3. Repositório digital. 4. Memória. 5. Seminário Hispano Brasileiro (SHB). I. Simeão, Elmira, *orientador*. II. Título.

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA****PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO****Ata Nº: 96**

Aos nove dias do mês de julho do ano de dois mil e vinte e cinco, instalou-se a banca examinadora de dissertação de mestrado da discente Aglaia Oliveira Bastos, matrícula 232102955. A banca examinadora foi composta pelos professores Dr<sup>a</sup> Georgete Medleg Rodrigues/membro interno/PPGCINF/UnB, Dr<sup>a</sup>. Cecília Oliveira Leite/membro externo /IBICT, Dr<sup>a</sup>. Monica Regina Peres/suplente/ UNB e Dr<sup>a</sup>. Elmira Luzia Melo Soares Simeão/PPGCINF/UNB, orientadora/presidente. A discente apresentou o trabalho intitulado "Organização da Memória de eventos científicos: comunicações formais e informais do Seminário Hispano-Brasileiro de Pesquisa em Informação, Documentação e Sociedade"

Concluída a exposição, procedeu-se a arguição da candidata, e após as considerações dos examinadores o resultado da avaliação do trabalho foi:

( ) Pela aprovação do trabalho;

(X) Pela aprovação do trabalho, com revisão de forma, indicando o prazo de até 30 (trinta) dias para apresentação definitiva do trabalho revisado;

( ) Pela reformulação do trabalho, indicando o prazo de (Nº DE MESES) para nova versão;

( ) Pela reprovação do trabalho, conforme as normas vigentes na Universidade de Brasília.

Conforme os Artigos 34, 39 e 40 da Resolução 0080/2021 - CEPE, o(a) candidato(a) não terá o título se não cumprir as exigências acima.

**Dr.<sup>a</sup> ELMIRA LUZIA MELO SOARES SIMEÃO**

PPGCINF/UnB

(ORIENTADORA)

**Dr.<sup>a</sup> GEORGETE MEDLEG RODRIGUES**

PPGCINF/UnB

(MEMBRO INTERNO)

**DR.<sup>a</sup> CECÍLIA LEITE OLIVEIRA**

Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia - IBICT

(MEMBRO EXTERNO)

**Dr.<sup>a</sup> MÔNICA REGINA PERES**

(FAC/)UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

(SUPLENTE)

**AGLAIA OLIVEIRA BASTOS**

(MESTRANDA)



Documento assinado eletronicamente por **Elmira Luzia Melo Soares Simeao, Coordenador(a) da Pós-Graduação da Faculdade de Ciência da Informação**, em 14/11/2025, às 14:43, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



Documento assinado eletronicamente por **Aglaia Oliveira Bastos, Usuário Externo**, em 14/11/2025, às 16:42, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



Documento assinado eletronicamente por **Mônica Regina Peres, Usuário Externo**, em 14/11/2025, às 20:44, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



Documento assinado eletronicamente por **Georgete Medleg Rodrigues, Professor(a) de Magistério Superior da Faculdade de Ciência da Informação**, em 27/11/2025, às 09:47, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site

[http://sei.unb.br/sei/controlador\\_externo.php?](http://sei.unb.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0)

[acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](http://sei.unb.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **13395360** e o código CRC **2E0197F0**.

*Aos meus pais Alcione e Lívio*

*À meu irmão Jander*

## AGRADECIMENTO

Agradeço, primeiramente, à Deus por ter me sustentado até aqui, me dando forças para continuar apesar das inúmeras dificuldades que enfrentei nesses dois anos de mestrado, sem ele não teria conseguido. A Nossa Senhora que me guardou em teu manto sagrado.

Ao pilar da minha vida, minha família, minha mãe Alcione que é a força que me motiva todos os dias, ao meu pai Lívio, que torce, me apoia e me incentiva sempre a ser o melhor que posso ser, obrigada mamãe e papai por me amarem incondicionalmente, tenho sorte de ter vocês como meus pais. Ao meu irmão Jander, que sempre está ao meu lado, me apoiando e me acolhendo, maior presente que meus pais já me deram, a minha cunhada Joyce que se tornou tão especial em nossas vidas. Sem vocês, esse período tão delicado da minha saúde eu não teria terminado o mestrado, ofereço este título a vocês. Amo imensamente vocês.

Gostaria de agradecer aos meus amigos que a vida me presenteou, Isadora, Matheus, Victor Hugo e Bruna, por sempre estiveram comigo e me apoiarem nessa caminhada. Quanto mais o tempo passa, mais percebo a sorte que tenho de ter vocês em minha vida, permanecendo unidos nesses longos anos de amizade. Amo vocês.

Aos meus avôs José Maria (*in memoriam*) e Claudionor, as minhas avós Enoy e Solimar (*in memoriam*), por terem batalhado tanto para proporcionar uma vida melhor para nossas famílias.

As minhas tias Loide, Leila, Lídia e Liene, que sempre acreditaram na minha capacidade e oram pelas minhas conquistas e minha saúde, obrigada por tornarem a minha vida mais bela e divertida.

A pequena Alice que chegou para alegrar os nossos corações com sua doçura e alegria.

A toda minha família que sempre esteve presente em todos os momentos da minha vida. Obrigada, amo vocês.

Agradeço aos amigos que a UnB me deu durante esses anos, Joyce, Victor, Jessica, Fernanda, Giovana e Bianca, vocês tornaram a minha vida acadêmica muito melhor, me ajudando, incentivando e inspirando. Obrigada, amo você.

A minha amiga Laís que se tornou tão presente na minha vida, dividindo alegrias e preocupações. Uma parceria de trabalho e amizade que a biblioteconomia me proporcionou. Com o apoio durante essa caminhada e para entender conceitos tão complexos, sem você não teria conseguido. Obrigada por todo o apoio e amizade. Obrigada, amo você.

Um agradecimento à minha orientadora, a professora Dra. Elmira Luzia Simeão, esse trabalho não seria possível sem sua confiança na minha capacidade. Obrigada.

Agradeço a todos os professores e funcionários da FCI, que tiveram um grande papel em minha formação acadêmica e no meu amadurecimento. A todos que de alguma forma me ajudaram a chegar, obrigada. Todos foram importantes para que eu conseguisse concluir mais esse ciclo em minha vida.

Agradeço a Capes, por ter possibilitado a minha permanência no mestrado através da concessão da bolsa de estudos.

Agradeço ao PPGCINF, pelo apoio a minha participação no SHB 2024, na Espanha.

Aos meus queridos alunos que me tornaram uma pessoa mais amorosa e cuidadosa, obrigada pelas risadas e aprendizados.

Agradeço aos membros da banca examinadora, Dra. Georgete Rodrigues, Dra. Meri Nadia (*in memoriam*), Dra. Monica Peres e a Dra. Cynthia Roncaglio pelos valiosos comentários e sugestões no projeto de pesquisa.

Por fim, agradeço a mim por não ter desistido desse mestrado, mesmo diante de tantos desafios físicos e mentais, mesmo em dias onde a dor física foi maior do que o meu querer, e no meio disso, uma perda tão dolorosa. Obrigada pela resiliência e paciência consigo mesma. Obrigada a todos!



“Tudo passa, você vai ver, tudo passa.”

(Tudo é rio, Carla Madeira)

## RESUMO

**Introdução:** Apresenta um estudo acerca da constituição e organização da memória científica do Seminário Hispano Brasileiro de Pesquisa em Informação, Documentação e Sociedade (SHB) através da representação das comunicações formais e informais geradas em eventos científicos. **Objetivo:** no âmbito geral, analisar como as comunicações formais e informais contribuem para a consolidação da memória científica do evento, por meio de sua representação em plataformas digitais, aqui se estabelece a utilização de repositórios digitais. Especificamente, pretende traçar mecanismos para a materialização da comunicação informal, assim, possibilitando a sua salvaguarda, preservação e disseminação por meio dos repositórios, a partir das dimensões estabelecidas no conceito de Animaverbovocovisualidade (AV3) e suas dimensões a comunicação informal pode ser caracterizada e assim materializada para sua representação e construção da memória. Estuda, para fins de fundamentação teórica, autores da Ciência da Informação relacionados às temáticas de comunicação científica, comunicação formal e informal, canais eletrônicos, representação da informação, AV3, repositórios digitais e repositórios temáticos. **Metodologia:** os procedimentos metodológicos seguem uma abordagem quali-quantitativa, pois tem como objetivo explorar a comunicação informal, tendo uma análise subjetiva em relação ao fenômeno, explorando as complexidades do registro das comunicações informais e analisar a situação atual do repositório. Quanto à parte teórica, foi qualificada como pesquisa bibliográfica e documental. Como resultado propõe parâmetros para a materialização e disponibilização das comunicações informais. **Resultados:** Por meio da análise do repositório e da compreensão sobre o processo de materialização e aplicação dos conceitos do AV3, foi possível estabelecer parâmetros para a materialização das comunicações informais geradas no SHB, a fim de potencializar os registros, fortalecendo não apenas a memória científica do evento, mas contribuindo para o desenvolvimento científico.

**Palavras-chaves:** Comunicação formal. Comunicação Informal. Repositório digital. Memória. Seminário Hispano Brasileiro (SHB). Animaverbovocovisualidade (AV3).

## ABSTRACT

**Introduction:** This study presents an analysis of the constitution and organization of the scientific memory of the Seminário Hispano-Brasileiro de Pesquisa em Informação, Documentação e Sociedade (Hispano-Brazilian Seminar on Research in Information, Documentation, and Society – SHB) through the representation of formal and informal communications generated in scientific events. **Objective** In general, the aim is to analyze how formal and informal communications contribute to the consolidation of the event's scientific memory through their representation in digital platforms, establishing the use of digital repositories. Specifically, it seeks to outline mechanisms for the materialization of informal communication, thereby enabling its safeguarding, preservation, and dissemination through repositories. Based on the dimensions established in the concept of Animaverbovocovisualidade (AV3) and its components, informal communication can be characterized and subsequently materialized for its representation and for the construction of memory. For theoretical foundation, the study examines authors in the field of Information Science whose works address topics such as scientific communication, formal and informal communication, electronic channels, information representation, AV3, digital repositories, and thematic repositories. **Methodology:** : The methodological procedures follow a qualitative-quantitative approach, aiming to explore informal communication with a subjective analysis of the phenomenon, investigating the complexities of recording informal communications and analyzing the current state of the repository. The theoretical component is classified as bibliographic and documentary research. As a result, the study proposes parameters for the materialization and availability of informal communications. **Results:** Through the analysis of the repository and the understanding of the process of materialization and the application of AV3 concepts, it was possible to establish parameters for the materialization of informal communications generated at the SHB, with the goal of enhancing the records, thereby strengthening not only the event's scientific memory but also contributing to scientific development.

**Keywords:** Formal Communication. Informal Communication. Digital Repository. Memory. Hispano-Brazilian Seminar (SHB). Animaverbovocovisuality (AV3).

## RESUMEN

**Introducción:** Se presenta un estudio sobre la constitución y organización de la memoria científica del Seminario Hispano-Brasileño de Investigación en Información, Documentación y Sociedad (SHB) a través de la representación de las comunicaciones formales e informales generadas en eventos científicos. **Objetivo:** En términos generales, analizar cómo las comunicaciones formales e informales contribuyen a la consolidación de la memoria científica del evento, mediante su representación en plataformas digitales, estableciéndose aquí el uso de repositorios digitales. De manera específica, se pretende trazar mecanismos para la materialización de la comunicación informal, posibilitando así su salvaguarda, preservación y difusión a través de repositorios. A partir de las dimensiones establecidas en el concepto de Animaverbovocovisualidad (AV3) y sus componentes, la comunicación informal puede ser caracterizada y, de este modo, materializada para su representación y construcción de la memoria.

Para la fundamentación teórica, se estudian autores de la Ciencia de la Información relacionados con las temáticas de comunicación científica, comunicación formal e informal, canales electrónicos, representación de la información, AV3, repositorios digitales y repositorios temáticos. **Metodología:** Los procedimientos metodológicos siguen un enfoque cualitativo-cuantitativo, ya que tienen como objetivo explorar la comunicación informal, realizando un análisis subjetivo en relación con el fenómeno, explorando las complejidades del registro de las comunicaciones informales y analizando la situación actual del repositorio. En cuanto a la parte teórica, se clasifica como investigación bibliográfica y documental. Como resultado, se proponen parámetros para la materialización y disponibilidad de las comunicaciones informales.

**Resultados:** A través del análisis del repositorio y la comprensión del proceso de materialización y aplicación de los conceptos de AV3, fue posible establecer parámetros para la materialización de las comunicaciones informales generadas en el SHB, con el fin de potenciar los registros, fortaleciendo no solo la memoria científica del evento, sino también contribuyendo al desarrollo científico.

**Palabras clave:** Comunicación formal. Comunicación informal. Repositorio digital. Memoria. Seminario Hispano-Brasileño (SHB). Animaverbovocovisualidad (AV3).

## **LISTA DE FIGURAS**

Figura 1 - Fluxo da comunicação científica	26
Figura 2 - Níveis da literatura acadêmica	28
Figura 3 - Comparativo fluxo da comunicação	29
Figura 4 - Canais de comunicação científica	30
Figura 5 - Fatores da internet que impactam nas comunicações científicas	38
Figura 6 - Características comunicação eletrônica	40
Figura 7 - AV3 e suas dimensões	52
Figura 8 - Ciclo da materialidade e materialização	56
Figura 9 - Elementos do processo de materialização da informação.	57
Figura 10 - Tipos de repositórios	60
Gráfico 1- Comunicações formais por ano	71
Figura 11 - Materialização da Comunicação Informal	78

## **LISTAS DE QUADROS**

Quadro 1 - Categorização das comunicações formais em periódicos científicos.	32
Quadro 2 - Diferenças entre elementos formais e informais da comunicação científica	33
Quadro 3 - Vantagens e desvantagens dos sistemas informais	34
Quadro 4 - Relação das edições do SHB	37
Quadro 5 - Vantagens e Desvantagens da comunicação eletrônica	41
Quadro 6 - Comunicação intensiva e extensiva	42
Quadro 7 - Sistemas para a representação da informação	49
Quadro 8 - Conceito de materialização e materialidade da informação	55
Quadro 9 - Tipologia de repositórios digitais segundo Kuramoto	61
Quadro 10 - Diretrizes para a criação de um repositório	63
Quadro 11 - Categorização das formas de comunicação	75
Quadro 12 - Categorização dos canais de comunicação do SHB	76

## **LISTAS DE GRÁFICOS**

Gráfico 1- Comunicações formais por ano

71

## **LISTAS DE SIGLAS**

AACR - Anglo-American Cataloguing Rules

AV3 - Animavervocovisualidade

CDD - Classificação Decimal de Dewey

CDU - Classificação Decimal Universal

CE - Comunicação Eletrônica

CEx - Comunicação Extensiva

CI - Ciência da Informação

CINT - Comunicação Intensiva

FRAD - Functional Requirements for Authority Data

FRBR - Functional Requirements for Bibliographic Records

FRSAR - Functional Requirements for Subject Authority Records

IFLA - International Federation of Library Associations

ISBD - Descrição Bibliográfica Internacional Normalizada

MARC - Machine-Readable Cataloging

MC - Materialização da Comunicação

RD - Repositório Digital

RDA - Resource Description and Access

RTD - Repositório Temático/Disciplinar

SHB - Seminário Hispano Brasileiro de Pesquisa em Informação, Documentação e Sociedade

TIC - Tecnologia da Informação e Comunicação



## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	<b>15</b>
<b>1.1.1. Problema de pesquisa</b>	<b>17</b>
1.1.2. Justificativa	18
1.2. Objetivos	19
1.2.1. Objetivo Geral	19
1.2.2. Objetivos Específicos	20
<b>2. Revisão de literatura</b>	<b>21</b>
<b>3. Referencial teórico</b>	<b>24</b>
3.1. Comunicação Científica	24
3.1.1. Comunicação Formal	31
3.1.2. Comunicação Informal	33
3.1.3. Eventos científicos e o Seminário Hispano Brasileiro	36
3.1.4. Canais Eletrônicos e a comunicação extensiva	37
3.2. Representação da Informação e memória	43
3.2.1. Animaverbivocovisualidade (AV3)	50
3.2.2. Materialidade e Materialização	54
3.3. Repositório Digital	57
3.3.1. Repositório Temático	62
3.3.2. Repositório Institucional	64
<b>4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b>	<b>66</b>
<b>5. Análise de Resultados</b>	<b>69</b>
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES DE PESQUISA</b>	<b>82</b>
<b>7. REFERÊNCIAS</b>	<b>85</b>
<b>ANEXO A – Exemplo de produtos informacionais</b>	<b>92</b>

## 1. INTRODUÇÃO

A Ciência da Informação (CI) caracteriza-se por sua constituição epistemológica interdisciplinar, situando-se no cruzamento de distintos domínios do saber e consolidando-se como campo autônomo no âmbito das ciências sociais aplicadas. Sua natureza híbrida permite a incorporação de fundamentos teóricos e metodológicos oriundos de áreas como a Biblioteconomia, a Arquivologia, a Documentação, a Comunicação e outras áreas, configurando um corpo teórico que viabiliza a análise, a organização, a mediação e a circulação da informação em contextos diversos.

Para Borko (1968) a Ciência da Informação é a disciplina que investiga as propriedades e comportamentos informacionais. O autor ainda coloca que as aspirações da CI são voltadas para uma preocupação em volta da informação, não apenas com o produto final, mas sim com as condições da informação e como ela pode ser acessada no decorrer do processo informacional.

A interdisciplinaridade está em uma das principais características da CI, e para Oliveira e Rodrigues (2014) esse aspecto possibilita os amplos conceitos de memória. Pode, portanto, ser voltado para a constituição da memória para o aprimoramento da ciência, quanto para a preservação da memória científica da área.

A comunicação científica pode ser definida como o processo pelo qual as pesquisas acadêmicas e científicas são disseminadas para a comunidade científica. Príncipe (2022), coloca que pelo fato de ser o canal de comunicação dos saberes científicos, a comunicação científica pode ser tratada como uma subárea de pesquisa para a Ciência da Informação.

De acordo com Garvey (1979), a comunicação científica é o sistema que incorpora as atividades de produção, disseminação e uso da informação, sendo considerada desde a ideia até a consolidação da pesquisa, através dos resultados obtidos. Targino (1999) complementa a ideia enfatizando o papel da comunicação científica, na troca de informação, permitindo o fortalecimento das pesquisas e dos pesquisadores. Este processo de troca informacional, mencionado por Meadows

(1999), é central para o desenvolvimento do próprio saber científico, pois através das trocas contínuas por meio das comunicações científicas acontece a evolução da ciência.

Portanto, a comunicação científica não é apenas a forma de compartilhamento de informação para uma comunidade específica, é um pilar estruturante da ciência, pois para além da troca contínua de ideias e perspectivas, avaliação por pares e a validação dos resultados contribui para a manutenção e desenvolvimento do conhecimento.

E para que essas comunicações geradas em eventos possam ser consolidadas e difundidas é preciso que passem pelo processo de representação. A representação da informação consiste na sistematização da informação. Lancaster (2003) define a representação como um processo que envolve tanto a descrição física, quanto a descrição intelectual do conteúdo tratado no documento, para que assim o processo de recuperação da informação seja eficiente, e consequentemente acessada e utilizada.

Campos, Souza e Campos (2003), defendem que a representação é dividida de duas maneiras: a primeira vai de encontro com o conceito trabalhado por Lancaster (2003), onde denominam de método indutivo, que permeia a ideia de uma representação mais direta. A segunda é nomeada como método dedutivo, que possui uma vertente mais abstrata da informação contida no documento.

Miranda e Simeão (2014), conceituam um mecanismo de representação da informação que se encaixa bem a subjetividade tratada no método dedutivo, a Animaverbovocovisualidade (AV3) se baseia na representação da informação através dos multimeios, buscando uma representação do conhecimento por meio de diversas mídias, transformando uma informação estática, para uma informação multifacetada.

Com base nisso, a representação da informação é parte substancial para a construção da memória científica, onde o conhecimento precisa ser registrado para ser disponibilizado, assim garantindo a continuidade e expansão da ciência. Neste contexto, a representação da memória de um evento científico tem um papel ainda maior, pois são nesses eventos que acontecem inúmeras trocas entre os

pesquisadores, portanto, a garantia da preservação desse conhecimento gerado faz parte da memória científica coletiva.

No caso do Seminário Hispano-Brasileiro de Pesquisa em Informação, Documentação e Sociedade (SHB), a representação vai além das questões mais formais da ciência, traz consigo a importância da representação de outros aspectos que permeiam o evento, como as questões culturais, profissionais (visitas técnicas e interações entre especialistas) que são geradas em um evento como o SHB.

Diante disso, a presente pesquisa parte da seguinte questão norteadora: Como a comunicação formal e informal do SHB pode representar a memória científica do evento? Com base nesse problema, este projeto tem como objetivo geral descrever a comunicação formal e informal gerada nos eventos científicos, a partir do estudo do SHB, analisando como essa memória é representada, por meio da utilização de recursos e tecnologias que permitem sua organização.

A pesquisa adota uma abordagem quali-quantitativa, de caráter exploratório e descritivo, baseada na análise dos documentos disponíveis no repositório digital do SHB. O recorte temporal compreende os eventos realizados entre os anos de 2012 e 2023, considerando o conjunto das edições já documentadas do seminário. Esse período permite observar a trajetória das práticas de comunicação e representação da informação no contexto do evento, especialmente diante das transformações tecnológicas e sociais ocorridas na última década.

A dissertação está organizada da seguinte forma: a primeira seção apresenta os trabalhos relacionados ao tema e a delimitação do campo de pesquisa; a segunda seção esclarece o referencial teórico, baseado nos conceitos de memória, comunicação científica e representação da informação; a terceira seção descreve os procedimentos metodológicos adotados; a quarta seção é dedicada ao estudo de caso do SHB; e, por fim, apresentam-se as considerações finais, com a síntese dos resultados e contribuições da pesquisa

#### *1.1.1. Problema de pesquisa*

Como a comunicação formal e informal do SHB representa a memória científica do evento?

### 1.1.2. *Justificativa*

A memória possui múltiplas formas de manifestação e pode ser abordada sob diversas perspectivas disciplinares, como Psicologia, Neurociência, História, Arqueologia, Administração, Sistemas de Informação, Comunicação e Ciência da Informação (Molina; Valentim, 2011). Portanto, para o desenvolvimento desta pesquisa, a memória está relacionada ao documento, e ao registro e preservação da informação no contexto formal e informal de produção de conhecimento nos processos de comunicação científica, especificamente nos eventos científicos.

O registro do conhecimento e sua salvaguarda em ambientes reconhecidos como "lugares de memória", tais como bibliotecas, arquivos e museus, constitui um processo essencial para a preservação e recuperação da informação, permitindo a construção de uma memória científica, técnica e cultural sobre determinado campo de saber (Thiesen, 2009). A noção de "lugares de memória", cunhada por Pierre Nora (1980), evidencia que não há memória espontânea: para que a memória exista e se perpetue, é necessário que haja intencionalidade nos registros, celebrações, documentos e arquivos, pois essas operações não são naturais, mas construídas social e culturalmente (Nora, 1993).

A Ciência da Informação (CI), cujo objeto de estudo central é a informação, demanda abordagens cada vez mais amplas e aprofundadas sobre a memória. As pesquisas priorizam a informação como objeto para o documento, tendo como foco os processos de organização e representação da informação, nos quais a memória não só aparece nos aspectos cognitivos, mas também como um produto gerado a partir dos processos informacionais, passando a ser uma memória exteriorizada (Oliveira; Rodrigues, 2016).

Ao julgar que a construção da memória científica é necessária para o desenvolvimento presente e futuro da ciência, o projeto tem como foco, portanto, explorar o desenvolvimento da memória pela CI e preservá-la através das comunicações científicas desenvolvidas em eventos científicos da área da Ciência da Informação.

A motivação central para o desenvolvimento deste estudo reside na constatação da escassez de pesquisas voltadas à organização das comunicações formais e informais de eventos científicos em repositórios digitais. Embora haja

inúmeros estudos sobre os repositórios, a especificidade de estudos sobre a usabilidade para a preservação da memória de eventos científicos, mesmo que os Repositórios Digitais (RD) representem espaços estratégicos para a preservação e disseminação da informação, notou-se uma lacuna quanto à representação da diversidade de comunicações geradas em eventos científicos, que privilegiam, em grande parte, os registros formais (como artigos, resumos e livros), em detrimento das trocas informais que também constituem nas trocas coletivas, no intercâmbio cultural e na constituição da memória do SHB.

Portanto, este estudo propõe explorar a relação entre a comunicação formal e informal, tendo como principal referência o SHB, ao analisar esses canais de comunicação, visando elucidar como a comunicação influencia contribui para a formação de uma memória científica. Para alcançar o objetivo de compreender inicialmente a relação dos tipos de comunicação em eventos científicos, além dos estudos relacionados à memória científica, foram tratados na parte do referencial teórico do trabalho os seguintes assuntos: Comunicação Científica; Comunicação Formal; Comunicação Informal; Canais Eletrônicos; Comunicação Extensiva; Representação da Informação; Animaverbovisualidade (AV3); Repositórios Digitais; Repositórios Temáticos; Repositórios Institucionais; Repositórios e os Eventos Científicos

Ao focar nas interações formais e informais que ocorrem no decorrer de eventos científicos, busca-se compreender os mecanismos pelos quais o diálogo científico é fomentado e mantido a partir dos eventos científicos, bem como o intercâmbio do conhecimento e o fortalecimento entre as comunidades científicas. Isso permite que através de mecanismos de representação a memória do evento possa ser constituída e disseminada.

## 1.2. Objetivos

### 1.2.1. *Objetivo Geral*

Este projeto tem como objetivo geral descrever a comunicação formal e informal gerada nos eventos científicos, a partir do estudo do Seminário Hispano Brasileiro (SHB), analisando como essa memória é representada, a partir da utilização de recursos e tecnologias que permitem sua organização.

### 1.2.2. *Objetivos Específicos*

1. Analisar as comunicações geradas nas edições do Seminário Hispano Brasileiro, com foco nas dimensões formal e informal.
2. Investigar os canais de comunicação utilizados no evento, visando compreender sua função e alcance no contexto do SHB.
3. Identificar parâmetros para a disponibilização das comunicações formais e informais nas plataformas digitais.

## **2. Revisão de literatura**

Ao realizar o levantamento bibliográfico para esta pesquisa, observou-se a escassez de estudos que tratem de maneira direta e mais aprofundada a questão relacionada à organização de comunicações formais e informais de eventos científicos em repositórios digitais. A literatura aborda as temáticas de maneira isolada, mas as discussões foram de suma importância para a construção do referencial teórico utilizado para o andamento e desenvolvimento da pesquisa.

As temáticas presentes na literatura são voltadas principalmente para a preservação da memória, o uso de repositórios para gestão da informação, ciência aberta e sobre a influência dos eventos científicos dentro da comunidade acadêmica. No entanto, não foram localizados trabalhos que abordem especificamente a articulação entre os registros formais e os informais como fontes igualmente válidas e complementares na constituição da memória de eventos científicos. Os trabalhos relacionados a esses quesitos são voltados à explicação do que é cada tipo de comunicação e como ele atua dentro da construção do conhecimento.

Diante disso, o estudo realizado pela autora Targino (1999), define que a ciência tem um papel ativo nas dinâmicas sociais, fazendo parte da transformação social. A autora observa que a comunicação é um processo natural da humanidade, mas quando dentro da esfera científica tem o papel de disseminar o conhecimento científico para a comunidade científica, pois através da comunicação científica é possível a troca ininterrupta de informações, promovendo a troca de informação e a disseminação do conhecimento (Targino, 2000).

Araújo (2019) em seu estudo investiga as características que formalizam o conceito de repositório digital. A pesquisa defende que os repositórios digitais são sistemas unos e concisos, que facilitam a preservação e a representação da informação. Tendo como objetivo não apenas a recuperação da informação mas a disponibilização da memória institucional a qual está vinculada.



Borges (2022) defende em sua tese o processo de apropriação da informação. Ao estudar a apropriação como um processo de materialização na perspectiva de Charles Sanders Peirce (teórico da Semiótica), a autora reconhece que a materialidade da informação pode ser física ou não física. O objeto de estudo de Borges contribui para essa pesquisa na medida em que auxilia na definição dos processos de materialização que a comunicação informal que influem na representação do repositório da memória do SHB.

Lacerda *et al.* (2008) abordam em seu estudo a importância dos eventos científicos na formação acadêmica, com ênfase no curso de Biblioteconomia. Consideram que os eventos científicos, atuam na interação entre estudantes e pesquisadores, fortalecendo e desenvolvendo a ciência. Os autores defendem a participação em eventos científicos como essencial, pois além das trocas entre estudantes, pesquisadores e demais interessados, é um componente importante do ciclo informacional. Todavia, a temática abordada na pesquisa conversa diretamente com o projeto, pois entende-se a necessidade dos eventos e a relevância da organização e disponibilização das comunicações geradas nos eventos, a fim de incentivar e perpetuar a ciência para a comunidade acadêmica e para a sociedade

Prado (2018) desenvolve, em sua pesquisa, uma reflexão acerca dos elementos que podem subsidiar e caracterizar a memória institucional. A autora compreende a memória científica como um conceito amplo e multifacetado, ressaltando sua relevância tanto no contexto científico quanto institucional. No escopo desta pesquisa, tais dimensões da memória se entrelaçam, evidenciando a necessidade de sua organização e disponibilização para fins de acesso e recuperação da informação

Furnal (2015) discute em sua pesquisa o advento das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) e destaca os repositórios digitais como ambientes estratégicos para a preservação digital. A pesquisa tem como objetivo central compreender de que forma a materialidade da informação impacta os ambientes arquivísticos e contribui para a salvaguarda de documentos. Tal estudo se torna relevante para esta dissertação, na medida em que a organização da comunicação formal e informal em repositórios digitais exige não apenas estratégias de registro e

representação, mas também uma reflexão sobre a materialização dos conteúdos informacionais.

### **3. Referencial teórico**

Cabe uma breve introdução de como será apresentada essa seção.

#### **3.1. Comunicação Científica**

A ciência tem como cerne da sua existência compreender o mundo e seus fenômenos, por meio do estabelecimento de métodos de pesquisa e análise. Popper (1972) em seu ensaio sobre a Teoria dos três mundos, defende que a ciência é a única atividade humana em que os erros são avaliados e criticados de maneira sistemática, tendo assim seu desenvolvimento relacionado aos erros e ao questionamento dos resultados, possibilitando o progresso científico.

Targino (1999) enfatiza como a ciência tem o papel ativo nas dinâmicas sociais, sendo um catalisador de mudanças sociais e de paradigmas dentro da sociedade. De forma conceitual a ciência se baseia em um conjunto de procedimentos oriundos da vinculação da ciência e da tecnologia, com o interesse de diminuir as limitações da natureza, social, cultural e existenciais.

A Ciência da informação (CI) desde seu surgimento, sempre teve a preocupação de observar os fluxos de informação, sua organização e disseminação para atender demandas por conteúdos, produtos ou serviços. Tendo em vista o pensamento eurocentrista da dominação do conhecimento, portanto, a CI sempre se debruçou nos estudos relacionados à comunicação e seus canais de transmissão (Queiroz; Moura, 2015). Para isso, a CI se aprofundou nas necessidades comunicacionais, criando conexões e intercâmbio de conhecimento para o alavancamento do saber científico.

A comunicação é um processo natural da humanidade, onde se adapta para chegar ao seu receptor, com a intenção de perpassar uma ideia, transformando a informação, até que alcance o objetivo comunicacional. Contudo, quando a comunicação está sob a perspectiva científica, ela se torna específica e limitada à comunidade científica, tendo como objetivo a disseminação do conhecimento científico (Targino, 2000).

Para obter o progresso científico, a ciência precisa ser comunicada para a comunidade acadêmica e para a sociedade como um todo. A comunicação científica desempenha a função vital na disseminação do conhecimento, possibilitando a

conexão entre as áreas da ciência, com suas descobertas, dúvidas e avanços. É um processo natural, onde se estabelece a troca entre cientistas, possibilitando o intercâmbio do conhecimento, tanto em escala micro de interação, com trocas entre colegas de pesquisa, até a escala macro, onde as comunicações podem alcançar as mídias (Lievrouw, 1990).

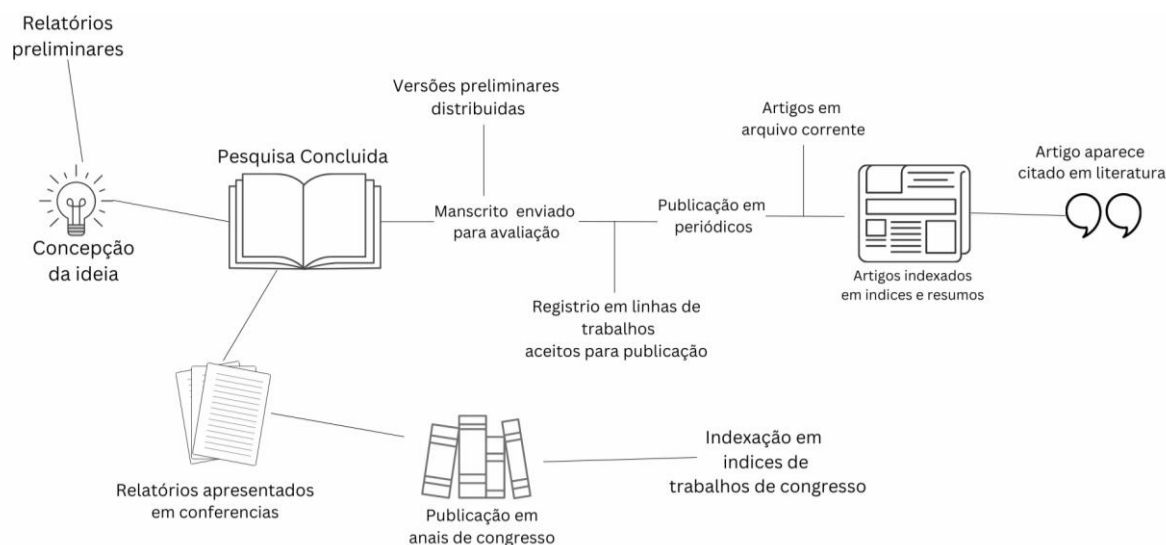
Para Targino (2000), a comunicação torna-se substancial para a atividade científica, possibilitando a troca ininterrupta de informações, promovendo o conhecimento e a difusão de novas metodologias científicas.

A comunicação científica detém uma natureza multifacetada, exigindo uma compreensão profunda de como as diferentes modalidades da comunicação se sobrepõem, influenciando a construção e a disseminação do conhecimento científico.

Nos anos de 1970, Garvey e Griffith (1979), apresentaram o que seria denominado fluxo da comunicação científica, onde estabeleceram quais seriam os pilares da ciência e suas atribuições, perpassando desde a concepção da ideia, a pesquisa, a avaliação prévia dos pares, até sua consolidação, passando desde a informalidade até a formalidade da comunicação.

Aleluia (2009) complementa que a modelagem proposta pelos autores infere a transferência de mensagens por meio de canais formais e informais, intermediados por pessoas, funções, avaliadores, bases de dados, editoras e leitores.

Figura 1 - Fluxo da comunicação científica



**Fonte:** adaptado de Aleluia (2009), segundo Garvey e Griffith (1979).

Essa modelagem segue a linha de pensamento mais tradicional ao se tratar do fluxo da comunicação científica, tendo em vista o principal objetivo de formalizar através das principais plataformas de avaliação que uma pesquisa pode ser avaliada, passando pelas etapas de apresentação em congressos até sua publicação e citação em outras pesquisas, voltado principalmente para a comunicação tradicional. Vale destacar que diante da época em que o fluxo foi apresentado, não foi considerada a grande influência das TIC e das mídias sociais, na disseminação do saber científico.

Amorim (2021) desenvolve um comparativo entre o fluxo tradicional estabelecido no decorrer dos anos na literatura sobre comunicação científica, como foi apresentado anteriormente, fazendo o paralelo com as novas interações pertinentes aos meios digitais, sendo inseridas as comunicações informais como parte do processo científico (Amorim, 2021).

A autora, portanto, insere a comunicação científica informal dentro do escopo mais amplo da comunicação informal. É nesse cenário que se situam os chamados “colégios invisíveis” — redes de interação entre pesquisadores que, ao longo do tempo, deram origem a diversas organizações institucionalizadas. Essas instituições contribuíram significativamente para a formalização da comunicação científica, especialmente por meio da criação de periódicos

científicos, como é o caso da Royal Society of London, que se consolidou como um dos primeiros veículos formais de divulgação científica (Amorim, 2021).

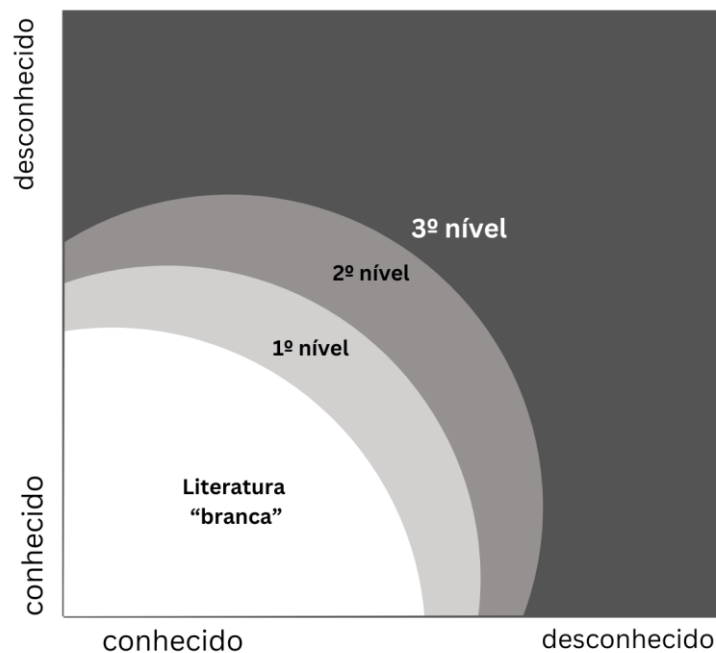
A era digital transformou o fluxo informacional da ciência, facilitando a conexão e colaboração entre os pesquisadores, tornou menos morosa a submissão de manuscritos e facilitou a organização em base de dados, repositórios e bibliotecas digitais. Contudo, essa facilitação gerou um acúmulo informacional, ocasionando a “literatura cinzenta”, termo cunhado por Adams *et al* (2017), chama a atenção para o fator determinado pela grande produção e disponibilização das comunicações através dos meios digitais. O autor estabelece níveis para a literatura acadêmica, que parte do entendimento do mais formal, a literatura “branca”, que consiste em artigos revisados por pares e publicados, todas as outras comunicações se enquadrando dentro dos três níveis cinzentos estabelecidos, sendo o 1.º nível - livros, capítulos, preprints<sup>1</sup>, relatórios, o 2.º nível - apresentações, vídeos, teses e dissertações, DOI<sup>2</sup> e relatórios anuais e o último e 3.º nível - o mais informal modo de comunicação, que inclui os blogs, e-mails, *tweets* e catálogos. A ideia dos níveis pode ser observado na figura abaixo:

---

<sup>1</sup> Publicação que ainda não passou pela peer-review (revisão por pares)

<sup>2</sup> Digital Object Identifier é um identificador digital. Sistema que atribui um identificador único e permanente a documentos digitais, como artigos, relatórios, imagens e outros conteúdos online.

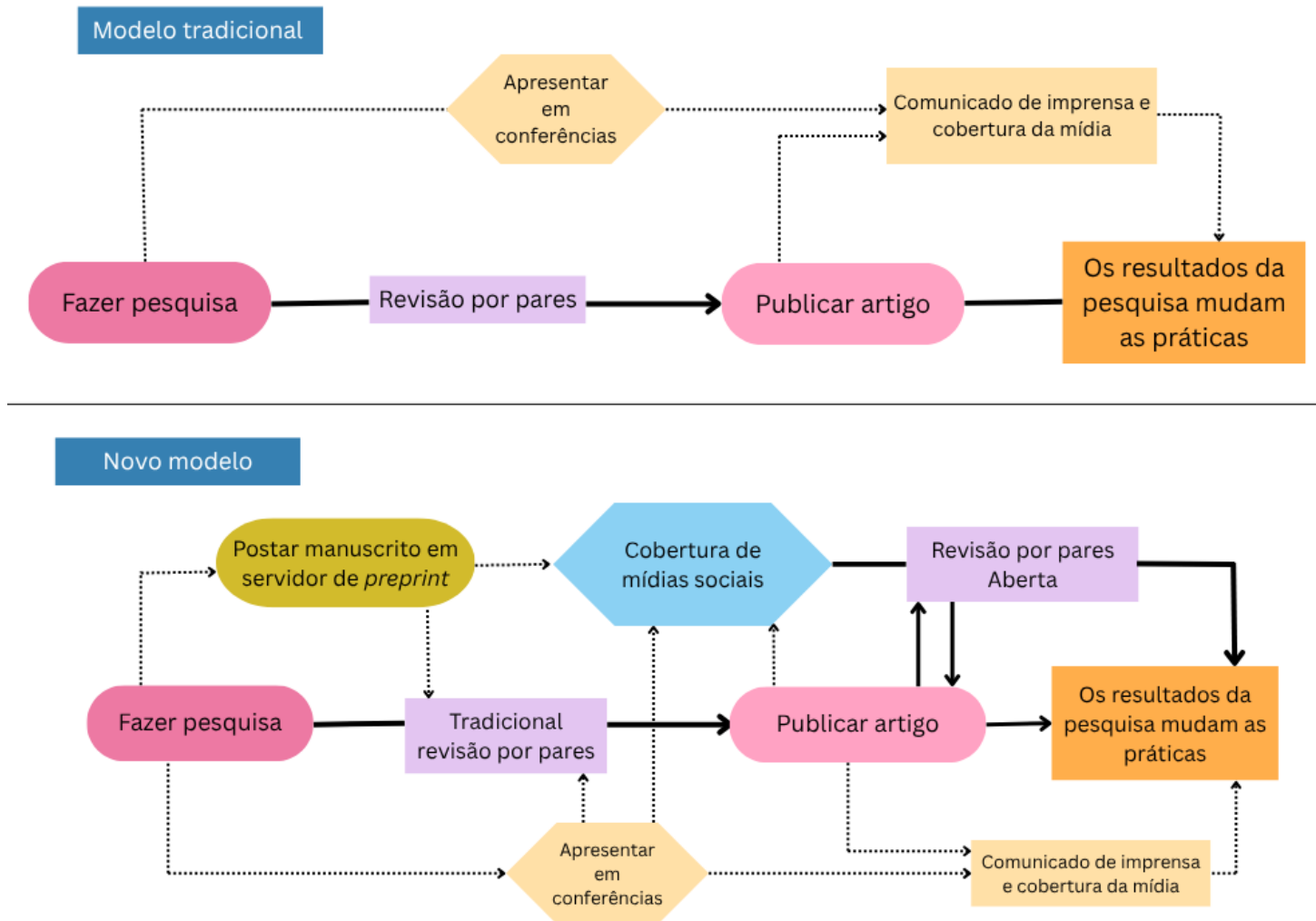
Figura 2 - Níveis da literatura acadêmica



**Fonte:** adaptado de Amorim (2021), baseado em Adam *et al* (2017).

Dando continuidade ao que é apresentado, Amorim (2021) faz uma avaliação de como o fluxo da comunicação científica é estabelecido, que denomina de “modelo tradicional” e salienta a questão mais direta e objetiva de validação da ciência, seguindo o caminho mais retilíneo, diretamente voltado pautado para a publicização das pesquisas em periódicos. A partir dessa contextualização do “modelo tradicional”, a autora traz o comparativo do fluxo da comunicação científica atual, onde são consideradas inovações, através da utilização das TIC.

Figura 3 - Comparativo fluxo da comunicação



**Fonte:** adaptado de Amorim (2021), baseado em Vlasschaert *et al* (2020).

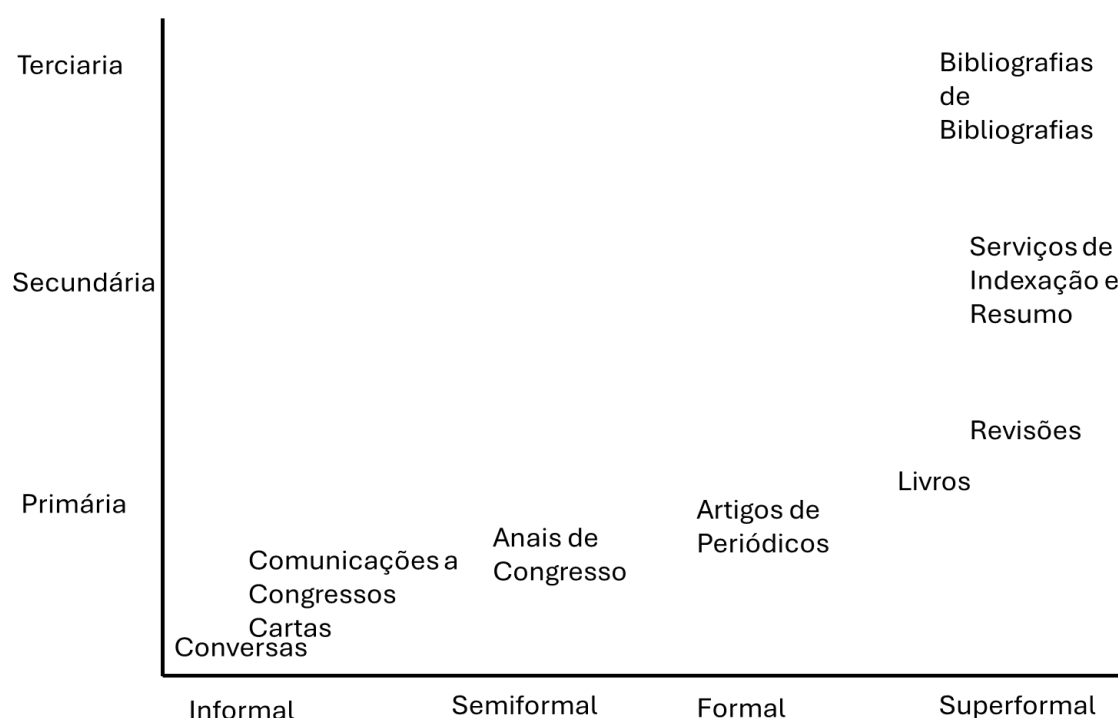
Para que a comunicação científica cumpra com o seu papel de disseminação do conhecimento científico entre a comunidade científica, é necessário que ela seja perpassada por meio de canais de comunicação que executem o processo informacional, para que ocorra assim, o fluxo informacional. A eficácia de um canal de informação é determinada pela capacidade de transmissão, facilitando o alavancamento do saber científico em todas as áreas do conhecimento.

Eventos com maior durabilidade tendem a manter mais laços fortalecendo os processos de evolução da comunicação, ou adotando novas tecnologias nas diferentes fases de organização dos trabalhos, que também se configuram em intensos diálogos e ações comunicativas formais e informais.



Esses canais possuem subdivisões que, com o tempo, foram classificadas por diversos autores, que apresentam nomenclaturas e especificações diferentes, contudo essas classificações convergem e trazem a ideia mais comumente conhecida como canais formais e informais. Cristóvão (1979), elaborou uma dessas classificações que foi muito utilizada como base para pesquisas futuras. A autora classifica os canais da seguinte forma:

Figura 4 - Canais de comunicação científica



**Fonte:** adaptado de Cristóvão (1979), elaborado pela autora (2024).

Diante do exposto, os canais de comunicação apresentam níveis diferentes de formalidade, estando ligado aos procedimentos adotados em cada canal, também conectado ao alcance da informação sendo ela restritiva ou mais ampla e a interação ligada ao grau de participação dos interlocutores no processo comunicativo, influenciando a circulação da comunicação científica. O gráfico apresentado evidencia a diversidade, demonstrando o papel de cada canal, seja por meios formais, semiformais, ou informais (Cristóvão, 1979).

Ao considerar a variedade dos canais, vale ressaltar a complexidade dos diferentes canais comunicacionais, corroborando a ideia de que a comunicação científica não ocorre de maneira isolada, mas sim por meio de um rede interconectada de fluxos informacionais (Amorim, 2021).

### 3.1.1. *Comunicação Formal*

A comunicação científica pode se apresentar de diferentes vias, chamadas canais de comunicação que, por sua vez, se diferenciam pelo formato em que a informação se apresenta aos pesquisadores.

A comunicação científica formal, pode ser descrita como uma troca de informação estruturada e documentada por meio de canais previamente estabelecidos da ciência. A formalidade dessas comunicações ocorre majoritariamente de maneira escrita, dando destaque para livros, periódicos, revisões de literatura e outras maneiras comumente utilizadas nas ciências (Targino, 2000).

A comunicação formal tem como base o mecanismo estruturado para a organização e disseminação da informação em diversos contextos. Por ser um meio de comunicação formal, possui características que permitem a permanência da publicação, facilitando a recuperação da informação, além disso, para estarem presentes em canais de comunicação formais consolidados, precisam passar por avaliação e validação da comunidade científica, tendo assim, uma credibilidade e clareza às informações ali discutidas (Oliveira; Noronha, 2005).

Além disso, os canais de comunicação formal fazem, em sua maioria, parte da construção e preservação da memória científica. Pois, por possuir padrões bem delimitados de estruturação da informação, são armazenados e disponibilizados com maior facilidade, por meio de periódicos indexados, livros e repositórios institucionais, desempenhando um papel importante na disseminação do conhecimento para a comunidade de pesquisadores.

Os resultados de pesquisas podem ser apresentados de diversos formatos que atendem aos critérios já citados de uma comunicação formal, sendo baseado em métodos e padrões científicos (Santos-D`Amorim, 2021).

Os periódicos são os principais meios de comunicação formal, conforme pode-se observar no quadro 1, em que em Santos-D`Amorim (2021) apresenta os formatos que as comunicações formais podem ser encontradas dentro do escopo dos periódicos, o artigo científico é o principal meio de comunicação formal utilizado pelos pesquisadores.

Quadro 1 - Categorização das comunicações formais em periódicos científicos.

FORMATO	DEFINIÇÃO
Cartas ou Comunicações rápidas	Pesquisas com caráter de urgência devido a originalidade dos resultados, são divulgadas de modo mais rápido, geralmente com textos mais curtos e objetivos, estando em processo para publicação completa.
Cartas ao editor	Textos de opinião, que comentam artigos comentados do próprio periódico ou comentam temas em destaque na <i>Academia</i> .
Artigos de Revisão	Apresentam de forma crítica e comparativa os estudos relacionados à temática apresentada, um estado da arte que passa pelo processo de publicação.
resenha/ recessão	Textos que apresentam de forma crítica e analítica o conteúdo de obras publicadas, como livros e capítulos, destacando seus principais argumentos, contribuições e limitações, com o objetivo de informar o leitor e fomentar o debate acadêmico.
Ensaio	Difere-se dos artigos de revisão, pois não exploram de forma exhaustiva um determinado assunto, mas articulam ideias sobre as temáticas, apresentando um debate crítico a discussão tratada.
Artigos de dados	Apresentam um grande conjunto de dados acompanhados por descrição dos conteúdos, qualidade e estrutura dos dados, passando pela avaliação, a fim de garantir a usabilidade e a confiabilidade no canal de comunicação.

**Fonte:** Adaptado de Santos-D' Amorim (2021), elaborado pela autora (2024).

A comunicação formal e o processo de superformalização descrito *a priori*, por Targino (1999), destaca-se pela compreensão da evolução dos níveis de formalização da comunicação. A super formalidade, como sendo a instância máxima do processo formal, caracterizado pela rigorosa padronização, alta institucionalização e validação por pares, tende a garantir credibilidade e reconhecimento no meio acadêmico. A maneira em que a comunicação formal é construída, permite um mapeamento no fluxo informacional e análise do impacto e da relevância das pesquisas, como por exemplo, a utilização de indicadores de citação, auxiliando na criação de novas pesquisas e teorias.

### 3.1.2. Comunicação Informal

A comunicação informal faz parte de uma dimensão das interações humanas, tanto no âmbito pessoal quanto no profissional. Diferente da comunicação formal, que é caracterizada por estruturas mais sólidas, a informalidade tem por características a transferência de informação através de contatos interpessoais e quaisquer meios destituídos de formalismo, que podem ser reuniões científicas, associações profissionais e colégios invisíveis<sup>3</sup> (Targino, 2001). Por meio destes recursos é estabelecido a troca do conhecimento tácito e da construção de redes informacionais mais dinâmicas.

Le Coadic (1996) tratava da comunicação informal como comunicação oral, podendo ser utilizada em ambientes públicos, como em conferências, colóquios e seminários, quanto em situações particulares, por meio de visitas *in loco*, telefonemas e *fax*. O autor coloca que os meios informais não possuem a estabilidade que os meios formais possuem. Assim a informação fica sujeita aos ruídos de transmissão, podendo ser modificadas. Diante disso, apresenta a diferenciação entre os canais formais e informais, que segundo o autor se diferem quanto a audiência, armazenamento, atualidade e autenticidade, orientação, redundância e interatividade (Le Coadic, 1996).

Quadro 2 - Diferenças entre elementos formais e informais da comunicação científica

Elemento Formal	Elemento Informal
Pública (audiência potencial importante)	Privada (audiência restrita)
Armazenamento permanente e recuperável	Informação não armazenada e não recuperável
Informação antiga	Informação recente
Informação comprovada	Informação não comprovada
Disseminação uniforme	Disseminação irregular
Redundância moderada	Redundância às vezes muito importante
Ausência de interação direta	Interação direta

<sup>3</sup> Grupos de pesquisadores que possuem interesses em comum e trabalham em conjunto, mas não estão fisicamente próximos, nem na mesma instituição. Podem ser construídos em redes de comunidades de aprendizagem, como espaços não formais.

**Fonte:** Adaptado de Le Coadic (1996), elaborado pela autora (2024).

Meadows (1999), também se refere a comunicação informal como comunicação oral, sendo um mecanismo de comunicação científica complementar às comunicações formais, pois apresenta vulnerabilidade em relação a veracidade da informação passada e limitações enquanto transmitidas, pela falta de precisão e padronização da disseminação da informação por meio de um canal informal de comunicação. Defende a ideia de que por meio da leitura de um artigo se absorve mais informação do que ao escutar uma palestra do mesmo assunto.

Dentro da literatura também existem divergências enquanto a absorção da informação, diferente de Meadows (1999), Abelson (1980), considera que a compreensão das informações podem ser melhor aproveitadas quando passadas por mecanismo informais, pois através das interações interpessoais, pode se considerar as emoções e nuances em que a informação está sendo transmitida para o receptor.

Targino (2000), coloca que os sistemas informais, tem sua grande vantagem a maior atualização e rapidez, ocasionando assim em um menor custo na divulgação científica. A autora elucida sobre as principais vantagens e desvantagens ao utilizar os mecanismos informais. No Quadro 3 destaca-se os principais pontos levantados pela autora.

Quadro 3 - Vantagens e desvantagens dos sistemas informais

Aspectos	Vantagens	Desvantagens
Flexibilidade	Adaptação mais rápidas a mudanças e emergência.	Falta de controle, facilitando a disseminação descontrolada da informação
Espontaneidade	Troca de ideias facilidade de ideias, de forma natural e direta	Pode resultar em interpretação subjetiva ou mal compreendida
Rapidez	Agilidade na comunicação e eliminação de etapa burocráticas	Dificuldade de rastreabilidade e responsabilidade da informação
Relações interpessoais	Contribui para o fortalecimento dentro da comunidade acadêmica, construindo redes colaborativas	Pode se tornar elitista e fechada

**Fonte:** Adaptado de Targino (2000), elaborado pela autora (2024)

Portanto, a comunicação informal permite a dinamização e fluidez na construção das redes de colaboração, fortalecendo o compartilhamento da

informação. Mesmo apresentando suas desvantagens, pesquisadores vêm buscando cada vez mais esses canais para a difusão de suas pesquisas, com publicações provisórias e *e-prints* (Targino, 2000). Todavia, é importante que a comunicação informal seja gerida para potencializar suas vantagens e minimizar os riscos de sua utilização. Sendo feitas através da utilização das tecnologias digitais que possam integrar as comunicações formais e informais.

Os eventos científicos integram o ciclo da comunicação científica, sendo um espaço de intercâmbio de conhecimento entre pesquisadores, docentes e discentes. Nesses encontros, são apresentados os avanços científicos nas áreas do saber, possibilitando o debate e a troca de saberes e a revisão dos pesquisadores. Lacerda (2008) destaca que os eventos constituem uma fonte para a produção e transmissão de conhecimento facilitando a troca de informações entre os membros da comunidade acadêmica.

Marchiori (2006) coloca que os encontros facilitam a interação e as trocas de experiências, a atualização sobre o desenvolvimento das áreas de estudo e a difusão de novas perspectivas. A autora classifica os eventos em diferentes categorias, conforme suas finalidades, abrangendo o âmbito técnico, empresarial e deliberativo. Campello (2000) também identifica múltiplas funções nos eventos científicos desde a qualificação de pesquisas, uma vez que a partir das contribuições as pesquisas passam por aprimoramento. Além disso, aponta que as interações informais nesses espaços contribuem para a formação de redes de colaboração e para a emergência de novas perspectivas e metodologias (Lacerda *et al.*, 2008).

A pandemia da COVID-19 modificou consideravelmente a forma de realização dos eventos científicos. As restrições dos encontros presenciais levou à adoção da utilização das plataformas digitais, ampliando as fronteiras geográficas das conferências e facilitando a participação remota de pesquisadores. No entanto, essa transição alterou a dinâmica das interações, especialmente nas comunicações informais. O contato direto sofreu modificações, passando a ser mediadas pela tecnologia, exibindo novas estratégias para o estabelecimento de redes acadêmicas.

Nesse contexto, a ampliação do uso dos repositórios digitais, transmissões síncronas e plataformas interativas reflete a necessidade de adaptação da

comunicação científica, garantindo a continuidade do fluxo informacional em um ambiente caracterizado pela crescente do uso das TIC (Silva, 2020).

### 3.1.3. Eventos científicos e o Seminário Hispano Brasileiro

O seminário Hispano Brasileiro de Pesquisa em Informação, Documentação e Sociedade (SHB) é um evento que ocorre anualmente, desde 2012, é o principal evento oriundo do convênio internacional firmado em 2009 entre a Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília (UnB) e a Universidad Complutense de Madrid (UCM), e consolidou-se ao longo da última década como um espaço relevante de articulação entre ciência, cultura e comunicação.

O SHB conta com uma programação que contempla as atividades acadêmicas, técnicas, culturais e administrativas. O evento reúne pesquisadores de diversas nacionalidades em torno da divulgação de estudos na área de Ciência da Informação, Comunicação, Tecnologia e áreas correlatas. As ações desenvolvidas no âmbito do seminário, como apresentações orais, oficinas, exposições, visitas técnicas e publicações científicas, é um instrumento importante para a valorização da produção científica e estimular a troca de saberes dentro da comunidade acadêmica.

A participação de outras instituições na organização e continuidade do evento, reforça seu caráter colaborativo e seu papel de catalisador do intercâmbio cultural, técnico e científico. O seminário tem contribuído para o fortalecimento das redes acadêmicas, ampliando a possibilidade de cooperação e estimulando o contato com diferentes contextos, culturais, linguísticos e epistemológicos.

Outro ponto característico do SHB é a alternância geográfica da realização do evento, promovido entre cidades brasileiras e espanholas, que favorecem um aspecto importante do evento que é a abordagem multicultural e plural. Ao longo das treze edições o evento esteve presente em oito cidades, como pode ser observado no quadro 4:

Quadro 4 - Relação das edições do SHB

ANO	INSTITUIÇÃO	LOCALIZAÇÃO	EDIÇÃO	FORMATO
2012	Universidade Complutense de Madrid (UCM)	Madrid - Espanha	I	Presencial
2013	Universidade de Brasília (UnB)	Brasília - Brasil	II	Presencial
2014	Universidade Complutense de Madrid (UCM)	Madrid - Espanha	III	Presencial
2015	Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp - Campus de Marília)	São Paulo - Brasil	IV	Presencial
2016	Universidade Complutense de Madrid (UCM)	Madrid - Espanha	V	Presencial
2017	Universidade Tiradentes (UNIT)	Sergipe -Brasil	VI	Presencial
2018	Universidad Complutense de Madrid (UCM) e Universidad de Murcia	Madrid e Múrcia - Espanha	VII	Presencial
2019	Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (USP)	São Paulo - Brasil	VIII	Presencial
2020	Universidade Complutense de Madrid (UCM)	Madrid - Espanha	IX	Virtual
2021	Universidade de Brasília (UnB)	Brasília - Brasil	X	Virtual
2022	Universidade Complutense de Madrid (UCM)	Madrid - Espanha	XI	Presencial
2023	Universidade Federal da Bahia (UFBA)	Salvador - Brasil	XII	Presencial
2024	Universidad Complutense de Madrid (UCM) e Universidad de Málaga	Madrid e Málaga- Espanha	XIII	Presencial

**Fonte:** Elaborado pela autora (2024)

### 3.1.4. Canais Eletrônicos e a comunicação extensiva

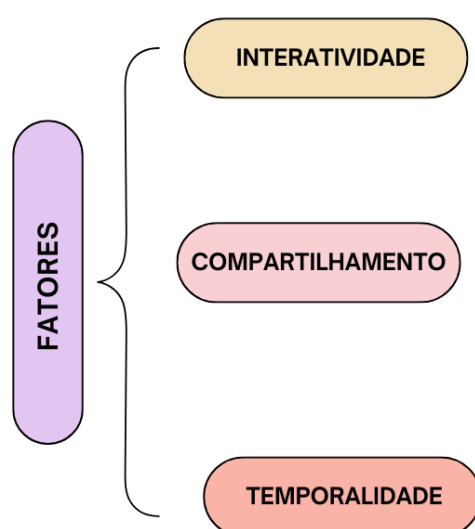
O desenvolvimento e expansão das telecomunicações após a 2.<sup>a</sup> Guerra Mundial, convergiu para a grande expansão do uso das tecnologias de informação. Com isso a Internet tornou-se o meio mais comum no processo informacional (Castells, 1999). A internet e a Web transformaram a maneira em que a sociedade se



comunica, Castells (2005), denomina tal fenômeno como “sociedade em rede”, na qual é possível realizar através da rede a cooperação, criação e armazenamento em uma única interface, contribuindo assim para uma comunicação expandida e facilitada entre os indivíduos.

Essa comunicação pode ser entendida e analisada de acordo com suas aplicações em relação à ciência e como ela afeta a maneira de se comunicar ciência por meio de canais eletrônicos. Oliveira e Noronha (2005), aponta três fatores principais que a internet e os meios de comunicação eletrônicos afetam a disseminação da informação científica. Sistematizado na figura 5:

Figura 5 - Fatores da internet que impactam nas comunicações científicas



**Fonte:** Adaptado de Oliveira e Noronha (2005), elaborado pela autora (2024).

Interatividade:

- Estabelecimento de relações entre partes
- Possibilidade de ampliação na participação de colégios invisíveis
- Autorias coletivas
- Trocas de informação
- Cooperação nacional e internacional

Compartilhamento:

- Rede de pesquisadores
- Facilidade no acesso à informação
- Cooperação de recurso
- Fontes nacionais e internacionais

Temporalidade:

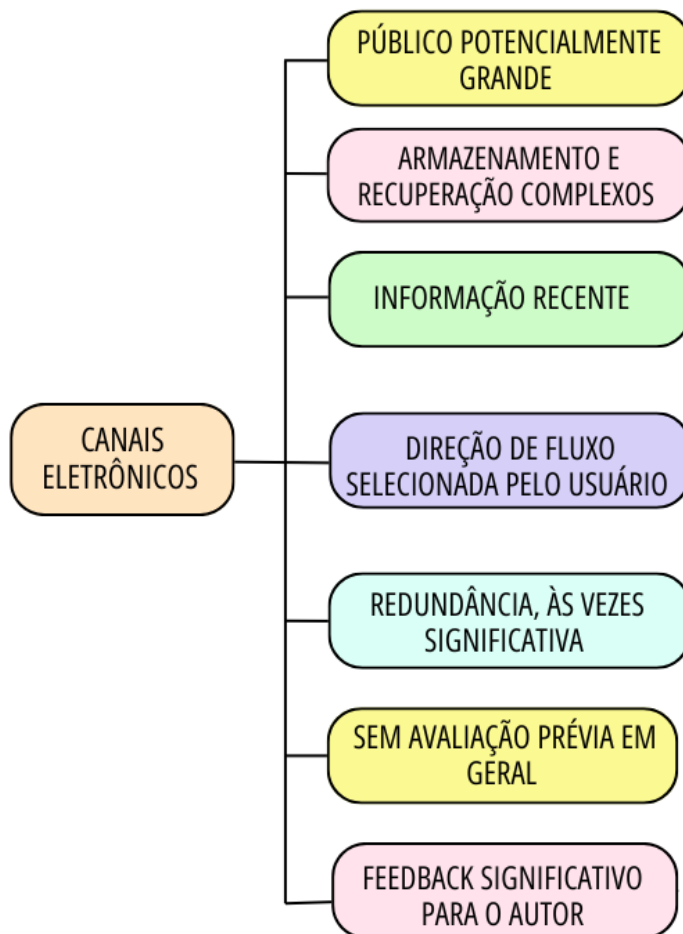
- Recuperação da informação
- Preservação da informação
- Análise comparativa

Tais tecnologias e suas características tem uma grande influência na maneira em que se comunica a ciência. A “transmissão da informação” tem sido cada vez maior por meio dos meios eletrônicos (Targino, 2000). A partir desse entendimento do uso das tecnologias, internet e meio digitais para a comunicação da ciência, se fortifica a ideia da comunicação eletrônica.

A comunicação eletrônica (CE) consiste na transmissão da comunicação científica através dos meios eletrônicos, que podem ser avaliados em duas perspectivas distintas: i) como processo de mudanças estruturais devido às tecnologias e ii) como recurso para incrementar e aperfeiçoar a relação entre a comunidade científica (Targino, 1999).

A CE possui características formais e informais na sua maneira de comunicar. Em relação à comunicação informal, a CE possibilita um contato mais direto entre pesquisadores, favorece a troca de informação e *feedbacks* imediatos ao desenvolvimento das pesquisas, por meio dos e-mails, bate-papos, grupos de debate online, por exemplo. Da comunicação formal, favorece a disseminação do conhecimento, para diversos públicos, em um tempo menor e com menos custos, por meio de publicação de periódicos, livros, obras de referência e outros (Oliveira; Noronha, 2005). Na figura 6 é apresentado as características das comunicações eletrônicas, que por meio dos canais eletrônicos se divide em sete campos que compõem a CE.

Figura 6 - Características comunicação eletrônica



**Fonte:** Adaptado de Oliveira e Noronha (2005), elaborado pela autora (2024).

Como qualquer tipo de comunicação, a eletrônica também possui vantagens e desvantagens em sua utilização, com isso Oliveira e Noronha (2005), destacam os principais pontos, levando em consideração os pontos abordados por McMurdo (1995):

Quadro 5 - Vantagens e Desvantagens da comunicação eletrônica

Comunicação eletrônica	
Vantagem	Desvantagem
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Disseminação rápida da informação;</li> <li>• Novas estruturas organizacionais;</li> <li>• Possui características formais e informais;</li> <li>• Democratização ao acesso</li> <li>• Acesso remoto</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Exige recursos e instrumento específicos;</li> <li>• Desinformação acelerada</li> <li>• Consenso demora</li> <li>• Disparidade informacional entre países</li> </ul>

**Fonte:** Adaptado de Oliveira e Noronha (2005) , elaborado pela autora (2024)

Com isso, o impacto dos canais eletrônicos na dinâmica das relações interpessoais e profissionais se mostra relevante. Mesmo com suas inúmeras vantagens, a comunicação eletrônica ainda está sujeita a interferências, e por tanto pode sofrer uma redução da qualidade da informação. Nesse sentido, a combinação das características formais e informais, como o uso simultâneo de mensagens e vídeos, pode auxiliar no enriquecimento do processo comunicativo.

Ao se tratar da comunicação eletrônica, outro conceito de comunicação se apresenta como amplificador do alcance da disseminação da informação, e a comunicação extensiva. A comunicação extensiva é um processo aberto, cooperativo e horizontal que por meio das redes digitais e sistemas de disseminação tem como objetivo a solução de problemas que atingem os emissores e os receptores de conteúdo, a fim de alcançar um público diversificado (Simeão, 2006).

A CEx difere da comunicação intensiva (CINT) no que se refere a maneira e quem é atingido pela informação, pois lida com uma comunicação mais flexível e adaptável, sem um padrão pré-definido. Tendo como finalidade a cobertura ampla e a distribuição eficiente da informação, utilizando recursos tecnológicos e organizacionais, a fim de atingir a maior quantidade de receptores. O conceito e aplicabilidade da CEx está muito vinculada ao desenvolvimento e aprimoramento das tecnologias de informação e comunicação (TIC), pois viabilizam a transmissão de

mensagens em múltiplos formatos. No Quadro 5, fica evidente a distinção entre essas duas comunicações:

Quadro 6 - Comunicação intensiva e extensiva

COMUNICAÇÃO INTENSIVA	COMUNICAÇÃO EXTENSIVA
• Tradicionalismo	• Informalidade
• Normas rígidas, padrões fixos	• Regras flexíveis com padrões dinâmicos
• Restrição à leitura e edição centralizada	• Leitura expandida, sem limites, edição interativa
• Promove reconhecimento	• Promove o inédito, o inesperado
• Referências idênticas, restritas a áreas específicas	• Referências diferentes e complementares
• Leitura lenta, íntima e linear	• Leitura rápida, superficial e comutativa
• Configuração vertical, informação em profundidade.	• Configuração horizontal, inteligente e múltipla.

**Fonte:** Simeão, 2006.

Os autores elucidam que a utilização da CEx através dos canais e suportes eletrônicos extingue a herança dos processos tradicionais, proporcionando uma nova perspectiva entre os emissores e os receptores da informação. Essas diferenças podem estar conectadas aos suportes, e como essa informação vai ser disponibilizada, pois a utilização de mecanismos tecnológicos não garante que seja uma CEx, mas a ruptura com as características das comunicações intensivas (Simeão, 2006).

A CE é a maneira de se comunicar na contemporaneidade, utilizando as TICs, conectando pesquisadores, organizações e comunidades. Para potencializar os mecanismos tecnológicos é necessário compreender as limitações e adotar práticas que consolidam a forma de se comunicar, garantindo uma maior dinamicidade e fluidez na transmissão da informação.

À vista disso, a CEx surge com suas características comunicativas, promovendo o inesperado e a flexibilização dos padrões, conectando e dinamizando

a forma de se utilizar os canais eletrônicos, a fim de potencializar as trocas em ambientes digitais e colaborações dentro da comunidade científica. Além disso, a CEx facilita a construção de redes informais, menos hierárquicas e mais acessíveis. Dessa maneira, os CE são um ponto de convergência comunicacional, nos quais a formalidade e a informalidade se encontram e se transformam, potencializando a ciência e a troca de saberes.

### 3.2. Representação da Informação e memória

Em um mundo orientado pela informação, o acesso ao conhecimento se tornou um fator estratégico para o desenvolvimento econômico, cultural e social. A era digital, marcada pela conectividade global e pela proliferação de dados de diversos formatos, molda como a sociedade produz, organiza e consome informação. Nesse sentido, a capacidade de transformar dados em conhecimento utilizável e acessível é um desafio para diversas instituições.

A CI, enquanto campo interdisciplinar, tem o papel importante nesse cenário, pois fornece instrumentos teóricos e práticos que tentam solucionar e estudar a complexidade associada à gestão da informação. Entre suas contribuições da CI para a gestão da informação, destaca-se a representação da informação, um processo que viabiliza a organização e a recuperação de conteúdos de forma que atenda às necessidades informacionais do usuário.

Este tópico explora alguns fundamentos teóricos e desafios contemporâneos, sob a perspectiva da CI. A análise busca evidenciar como essa área do conhecimento pode responder às demandas apresentadas pela sociedade, de modo que as informações pesquisadas sejam encontradas e utilizadas, independente do formato em que se encontram.

A representação da informação é um processo característico dos humanos, que perpassa a experiência individual, pois possibilita a organização, a manipulação e o compartilhamento de ideias. A característica de conceituar as experiências e os saberes por meio da linguagem dos símbolos, orais, escritas ou de outras formas, é o alicerce para a construção da cultura. Tal prática permite não apenas o entendimento e interação com o mundo, mas desenvolve conexão entre os indivíduos, as

representações podem superar barreiras de espaço e tempo e criar assim uma dimensão coletiva do conhecimento (Marcondes, 2001). Segundo Marcondes (2001) :

A semiótica, conforme formulada por Peirce, descreve a representação como um processo envolvendo um objeto, alguma coisa que o representa e o efeito da representação, na ausência do objeto, na mente de um usuário. Representação é, desta maneira, um processo ocorrendo na mente de alguém, produzindo nesta mente algo distinto do objeto a que se refere. A representação então relaciona o objeto que ela representa com a mente que o percebe (Marcondes, 2001, p. 64).

Bräscher e Café (2013) definem a representação como sendo um conjunto de atributos que definem o objeto informacional tratado, esses atributos fazem parte da descrição física e de conteúdo do documento.

Para Cervantes *et al* (2018), a representação é realizada visando a comunicação e a recuperação da informação, assim, é necessário que seja realizada de maneira compreensível, contextual e verossímil. Portanto, o processo deve ser eficiente para que a informação disponibilizada seja recuperada, apropriada e utilizada por quem necessite dela.

Ao se tratar de representação da informação, o indivíduo desenvolve uma espécie de ponte entre o mundo interno (o campo das ideias) com o externo, criando ferramentas de transmissão de ideias complexas e abstratas. Juntos, a linguagens e a memória constituem a base do conhecimento, cultural, social e tecnológico. As características de transmissão das ideias, se repetem quando a representação da informação está voltada para a disseminação da informação em plataformas destinadas à pesquisa e desenvolvimento de base de dados.

A memória, tanto em sua dimensão individual quanto na coletiva, emerge como tema na contemporaneidade, principalmente ao se considerar as transformações oriundas das tecnologias digitais (Dodebei, 2011). A relação entre memória e representação, é permeada pela subjetividade, necessidades científicas e coletivas que se envolvem na construção do conhecimento. Barreto (1999) apresenta em seu texto uma reflexão sobre as relações entre a CI e o conhecimento, onde a representação da informação dentro da CI se equivale ao cristal, sendo uma estrutura firme e regular, seguindo padrões e técnicas específicas para disponibilizar as

informações, uma estrutura estática, mas que por si só não desenvolve conhecimento. Somente a partir dos fechos de luz refletidos do cristal se desenvolve a chama do conhecimento, dependendo da ação comunicativa do indivíduo, se transformando de acordo com transferência da informação, que está limitada por questões cognitivas e contextuais.

Com esse entendimento da construção do conhecimento, a memória é um processo dinâmico da construção e reconstrução do passado a partir do presente. A subjetividade faz parte nesse processo, moldando as lembranças por meio do coletivo, se constituindo através dos registros e das lembranças de acordo com as experiências e perspectivas individuais (Dodebei, 2011). Ela se molda de uma tensão entre o lembrar e o esquecer, um processo seletivo de cada indivíduo, principalmente quando se trata de uma memória coletiva, onde cada indivíduo filtra e interpreta as informações de acordo com suas vivências e experiência.

No contexto digital, a subjetividade caracteriza-se pela proliferação de informação e a interatividade on-line, se manifesta de maneira que a memória individual se mistura com o coletivo. As redes sociais, por exemplo, possibilitam o compartilhamento de memórias individuais, criando narrativas que se conectam e se complementam ou se contradizem. Essa dinâmica favorece a subjetividade da memória (Falci, 2010).

Junto com os avanços e facilidades, a era digital vem acompanhada de desafios para a memória científica. A velocidade e a efemeridade das informações, dificulta a rastreabilidade e a confiabilidade da informação. Para isso é preciso o desenvolvimento de métodos de produção, registro e preservação do conhecimento científico, buscando mecanismos que garantam a acessibilidade e confiabilidade (Dodebei, 2011).

A relação entre memória e representação, deve ser observada levando em consideração os aspectos técnicos da informação, pois é um elemento essencial para a constituição da memória, tanto individual quanto coletiva. O processo envolve inúmeras etapas, como a organização, codificação e transformação da informação em formatos que possam ser armazenados, recuperados e transmitidos. A importância da representação transcende a mera disponibilização da informação, tem o impacto no desenvolvimento da ciência e na construção do conhecimento. É um processo técnico, que embora seja objetivo, e intrinsecamente influenciado por escolhas e decisões que influenciam na maneira em que a informação é passada para o receptor. Por



exemplo, a escolha de um sistema de classificação interfere diretamente, moldando a forma de disponibilização e a forma de acesso da informação (Dodebei, 2009).

Seguindo os preceitos da representação intrínseca feita pelo homem, a CI e Biblioteconomia têm o papel de aprimorar metodologias organizacionais que tornem acessíveis o grande volume de conhecimento, principalmente no contexto da sociedade contemporânea globalizado que a sociedade está inserida.

A relação entre a representação da informação e a Biblioteconomia se deu a partir da utilização e elaboração de instrumentos de descrição dos documentos, onde se estabeleceram as regras e classes que possibilitam a recuperação das informações.

As regras de catalogação e sistemas de classificação tiveram origem no século XIX, sendo designados como mecanismos de tratamento da informação, que se aprimorou e se desenvolveu com o tempo (Araújo, 2014). Neste contexto, os instrumentos não apenas garantem a localização dos materiais em base de dados, mas também criam conexões entre temas e conceitos, possibilitando uma busca estruturada entre os documentos de interesse do usuário. Assim, a Biblioteconomia consolidou sua posição como uma ciência que também está voltada para a organização e recuperação do saber, contribuindo para o desenvolvimento de sistemas que evoluem e se adaptam às demandas tecnológicas emergentes na contemporaneidade.

Araújo (2014) apresenta um histórico da evolução da representação da informação na perspectiva da Biblioteconomia. No campo da catalogação foram desenvolvidos diversos instrumentos de registro de dados bibliográficos e controle de autoridades. Um deles foi *Anglo-American Cataloguing Rules* (AACR) desenvolvido pela *International Federation of Library Associations* (IFLA), publicado em 1969. Com o tempo ela foi sendo implementada e amplamente utilizada e em 1970, passou por uma revisão e foi republicada em 1978, sendo assim popularmente conhecida como AACR2. Outros padrões foram sendo desenvolvidos com o intuito de melhorar a descrição dos documentos, buscando uma padronização para facilitar a recuperação das informações. Outras entidades se aventuraram na tarefa de elaborar outros mecanismos de representação, como a *Library of Congress*, ao desenvolver o Formato MARC, um padrão de intercâmbio bibliográfico bastante difundido.

A IFLA, também foi responsável pelo desenvolvimento do *Functional Requirements for Bibliographic Records* (FRBR), como um modelo conceitual de código de catalogação e que vem sendo adaptado para atender as demandas tecnológicas oriundas do desenvolvimento constante da tecnologia, a partir dessa evolução foi criado mais alguns modelos, sendo eles o FRAD (Functional Requirements for Authority Data) e o FRSAR (Functional Requirements for Subject Authority Records) (Araújo, 2014).

Os padrões de catalogação estão em constante adaptação, foi desenvolvido o RDA (*Resource Description and Access*), que é um padrão de catalogação desenvolvido para o AACR2, pois ele atende às principais demandas do ambiente digital, tendo como característica uma maior flexibilidade e adaptabilidade para a descrição de recursos informacionais em diversos formatos e plataformas. O RDA segue os princípios do FRBR e do FRAD, dando prioridade a recuperação e organização da informação, visando a experiência do usuário. Tendo como uma das suas principais características a compatibilidade com padrões de metadados, como o MARC 21.

Ainda pensando em mecanismos de representação da informação, dentro do escopo da Biblioteconomia, existem os sistemas de classificação. A Classificação Decimal de Dewey (CDD) foi criada em 1876 pelo bibliotecário norte-americano Melvil Dewey, a proposta do código era de organizar o conhecimento por meio de uma estrutura decimal hierárquica. A CDD foi pioneira e acabou revolucionando a organização de bibliotecas ao facilitar a classificação e a recuperação de materiais, dividindo o conhecimento em grandes classes.

A CDU (Classificação Decimal Universal), por sua vez, foi criada no final do século XIX por Paul Otlet e Henri La Fontaine, baseando-se na CDD. A CDU acrescenta ao sistema de Dewey, um maior detalhamento e flexibilidade, visando adequar-se a qualquer demanda classificatória. Uma das principais diferenças entre os dois códigos é que a CDU permite a combinação de códigos para representar assuntos mais complexos, enquanto a CDD segue um padrão mais estático.

No campo da catalogação, destacam-se padrões como o RDA e o ISBD, que fornecem diretrizes para a descrição padronizada de recursos informacionais. Em relação à classificação, ferramentas como a CDD e a CDU permitem a organização

temática do conhecimento, facilitando a localização de materiais em acervos diversos. Já no âmbito dos metadados, padrões como o Dublin Core e o MARC desempenham papéis centrais na descrição e intercâmbio de informações no ambiente digital, promovendo interoperabilidade e acessibilidade. Dessa forma, a integração desses sistemas reflete a evolução das práticas biblioteconômicas frente às demandas tecnológicas e informacionais contemporâneas.

O quadro 6 apresenta os principais sistemas e padrões, relacionando a catalogação, classificação e metadados utilizados para a representação e a recuperação da informação em sistemas físicos e, principalmente, nos meios digitais, onde a informação está inserida nos tempos atuais. Com esses sistemas é possível organizar, descrever e estruturar o conhecimento de forma que seja acessado e recuperado com eficiência e precisão.

Quadro 7 - Sistemas para a representação da informação

Categoria	Sistema ou Código	Descrição
<b>Catálogo</b>	AACR (Anglo-American Cataloging Rules)	Conjunto de regras desenvolvido para a catalogação de materiais bibliográficos, adaptando-se às necessidades das bibliotecas anglo-americanas.
	FRBR (Functional Requirements for Bibliographic Records)	Modelo conceitual que define as entidades e relações necessárias para a representação e recuperação de informações bibliográficas, estruturando-as em níveis como obra, expressão, manifestação e item.
	RDA (Resource Description and Access)	Padrão de catalogação baseado nos princípios do FRBR e FRAD, projetado para o ambiente digital. Permite descrever recursos de forma flexível, interoperável e centrada na experiência do usuário.
<b>Classificação</b>	CDU (Classificação Decimal Universal)	Sistema baseado na divisão decimal para organização de conhecimentos gerais.
	CDD (Classificação Decimal de Dewey)	Classificação que utiliza números decimais para organizar e recuperar documentos.
<b>Metadados</b>	MARC (Machine-Readable Cataloging)	Formato pioneiro para codificação de registros bibliográficos em sistemas computacionais. Essencial para a transição de catálogos físicos para o ambiente digital.
	Dublin Core	Conjunto padrão de metadados com 15 elementos principais, amplamente utilizado para descrever recursos digitais de forma simples e interoperável.

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Por meio das linguagens, códigos e metadados padronizados, esses sistemas buscam garantir que a informação seja recuperada, atendendo as demandas dos usuários, como dito por Marcondes (2001), [...] “de nada adianta a informação existir, se quem dela necessita não sabe de sua existência, ou se ela não puder ser encontrada”.

Contudo, um dos principais desafios contemporâneos no campo da representação é lidar com os problemas oriundos da aplicação da tecnologia e a expansão dos formatos e plataformas digitais, que necessitam não apenas da organização de grandes volumes informacionais, mas precisam se moldar a diferentes formatos e fontes de maneira harmoniosa.

No entanto, nem sempre esses padrões conseguem atender as nuances culturais e linguísticas que permeiam o uso da informação. Portanto é importante que o processo de representação e recuperação da informação esteja em constante transformação, buscando uma maior flexibilidade, e ainda sim mantendo padrões que garantam a interoperabilidades entre sistemas de modo global. É um grande desafio que deve ser estudado e desenvolvido sempre pela CI, Biblioteconomia, Ciência da Computação, entre outras áreas do conhecimento que possam agregar valor a essa temática.

Por sua vez, o processo de representação não está limitado a uma comunicação imediata, está conectado ao armazenamento de experiências, ideias e descobertas, aberta a representar o máximo de informações possíveis, sejam elas formais ou informais, desde que seja cabível para expandir o conhecimento e torná-lo mais democrático.

### 3.2.1. *Animaverbivocovisualidade (AV3)*

Em um mundo onde o digital está inserido na sociedade como um todo, a representação da informação deve seguir caminhos para acompanhar as novas demandas, com isso, surge a dúvida de como representar essas informações. O presente trabalho visa entender como as comunicações formais e, principalmente, as comunicações informais podem ser representadas em repositórios digitais, de modo que sejam preservadas, tendo assim a memória de eventos científicos de maneira mais completa.

Para isso, o conceito do AV3 emerge como uma proposta que engloba múltiplas dimensões comunicativas - verbal, vocal, visual e sonora - com o intuito de refletir a complexidade da interação humana e suas diversas formas de expressão.

Ao ultrapassar as barreiras da comunicação, o AV3 defende um modelo multimodal que potencializa as linguagens dos símbolos, a linguagem visual e as linguagens sonoras e audiovisuais, principalmente em situações onde as tecnologias digitais são predominantes no processo comunicacional integrado

Miranda e Simeão (2014) apresentam como se deu o surgimento do conceito do AV3:

O AV3 surge nas redes telemáticas e a partir de seus dispositivos e a nossa percepção buscará na rede prismática de ideias, uma combinação possível de seus múltiplos formatos. No processo de comunicação em AV3 autores combinaram cognitivamente conteúdo e forma e puderam processar registros e comunicá-los numa arquitetura multidimensional (Miranda; Simeão, 2014, p. 50).

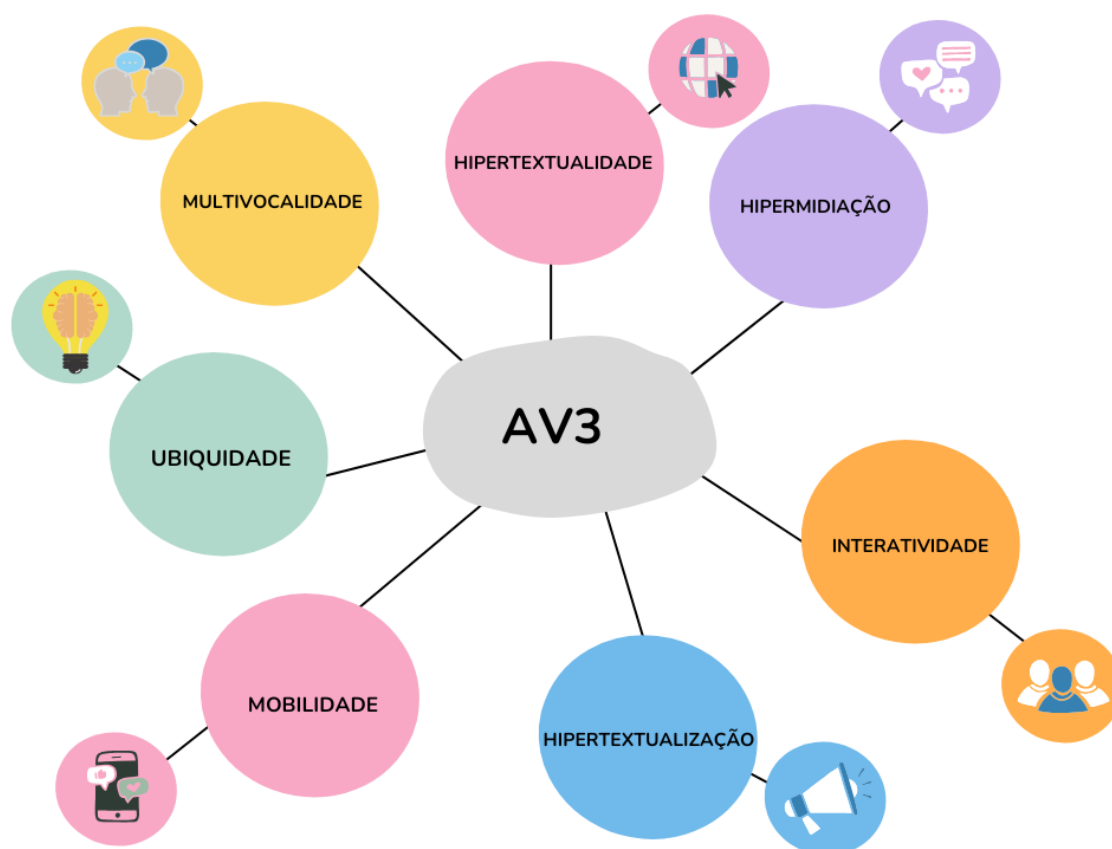
O AV3 não surge de maneira isolada, tampouco é algo novo, é um reflexo das transformações das dinâmicas informacionais e sociais notadamente possibilitadas pelo uso de tecnologias de comunicação (Miranda; Simeão, 2014).

Ao analisar o desenvolvimento da comunicação, Martín-Barbero (2006) afirma que o conhecimento rompe barreiras e caminha para a hibridização simbólica da informação. Miranda e Simeão (2014) reforçam a ideia de que a integração multimídia já estava presente em artistas e poetas ao explorarem as multifacetadas da arte. Apresentam como exemplo Menezes (1997) que descreve que sua “Poesia Sonora” integra linguagens e formatos diversos, a fim de que os elementos interligados possam transmitir a mensagem desejada, utilizando de ferramentas digitais.

No AV3, essa multimodalidade de elementos de transmissão da informação é sistematizada, permitindo uma articulação mais efetiva e inclusiva entre diferentes formas de representar e transmitir informações em ambientes formais e informais. Miranda e Simeão (2014) caracterizam o AV3 em sete dimensões, que segundo os

autores, diversificam e criam mecanismos que se afastam das tradicionais comunicações. Sendo elas apresentadas na Figura 7:

Figura 7 - AV3 e suas dimensões



Fonte: Baseado em Miranda e Simeão (2014), elaborado pela autora (2024).

- Hipertextualização:** Compreendida como a possibilidade de interconexão de conteúdos múltiplos. A principal característica desta dimensão é o direcionamento intertextual por meio de links conceituais.
- Hipermídiação:** Informações de múltiplas dimensões. Texto, imagem e áudio são utilizados para a construção da informação, assim atendendo as demandas do usuário.
- Interatividade:** Conexão entre o usuário e os sistemas. A principal característica desta dimensão é o estabelecimento dos emissores e dos receptores da informação.

- d) **Hiperatualização:** Processo de atualização de forma persistente, agregando valor não só para as “novidades”, mas também, no descompasso entre oferta e demanda informacional.
- e) **Mobilidade:** Possibilidade de transmissão da informação por meio de dispositivos portáteis, que se adequa facilmente ao perfil e necessidades do usuário.
- f) **Ubiquidade:** Dimensão que devido a tecnologia possibilita estar ou existir em todos os lugares. Antes limitada a um local e sua disponibilidade, a informação, agora no mundo digital, torna-se múltipla e acessível, dependente dos recursos e habilidades do usuário.
- g) **Multivocalidade:** Pode ser compreendida como a possibilidade de um texto (ou qualquer trabalho intelectual) ser elaborado a partir de contribuições de vários agentes.

Entende-se que a aplicação dos conceitos do AV3 na representação da informação se distancia dos métodos tradicionais de organização e disseminação do conhecimento. Ao reunir dimensões sonoras, imagéticas e simbólicas, o AV3 torna-se uma ferramenta inovadora para a mediação informacional em diferentes contextos, com em repositórios temáticos, bibliotecas e outras plataformas de salvaguarda. A abordagem permite que o usuário explore e faça parte integral do processo de comunicação da informação disponibilizada.

Em repositórios, por exemplo, o AV3 promove a possibilidade de integrar vídeos, áudios, infográficos a documentos textuais, transformando a navegação, e fazendo a experiência ser mais intuitiva e interativa.

Na perspectiva dos eventos científicos, a aplicação do AV3 potencializa a maneira com que a disseminação do conhecimento acontece. Mesmo as comunicações oriundas das apresentações, tornam-se mais dinâmicas e acessíveis, pois, aplicando os conceitos de multimídia, a informação pode envolver o público em diferentes níveis sensoriais. Isso se alinha diretamente na preservação da comunicação informal dos eventos científicos, um processo rico na construção da memória de eventos, porém, de difícil captura.

A convergência dos elementos, verbais, visuais e sonoros, promove também a inclusão, pois permite múltiplas vias de acesso à informação para uma gama maior



de usuários, com perfis diferentes de necessidades. O AV3 se posiciona como um elo entre os desafios tecnológicos e as possibilidades comunicativas, abrindo discussões sobre sua aplicabilidade e usabilidade dentro da CI.

### 3.2.2. Materialidade e Materialização

A representação da comunicação formal é amparada por mecanismos de registros e processos institucionalizados, os quais conferem à informação suas características de permanência e legitimidade. Por meio de suportes físicos e digitais, as comunicações formais tendem a ser organizadas, preservadas e recuperadas em sistemas que garantem a sua visibilidade e o seu valor. Tal processo está intrinsecamente ligado ao conceito de materialidade da informação, entendido como a presença concreta da informação em um suporte, que o torna tangível (Buckland, 1991, tradução nossa). Na perspectiva proposta por Buckland (1991), a materialidade corresponde à “Informação-como-coisa”, o autor ainda trabalha mais duas distinções sobre a informação sendo ela a “Informação-como-processo” e “Informação-como-conhecimento”.

Materialidade refere-se ao estado de existência da informação como fenômeno ideológico, condicionado por regimes sociais, políticos e institucionais (Rabello, 2018). A partir deste entendimento o autor esclarece o conceito de materialidade:

O conceito de materialidade da informação empregado no presente artigo se diferencia do de fisicalidade do objeto. Se a fisicalidade está relacionada às propriedades físicas do objeto-suporte de informação, a materialidade, ainda que considere tais propriedades, compreende aspectos que estão para além delas, tais como a procedência e o percurso da informação até o momento da inscrição do signo [...] (Rabello, 2019, p. 6).

Complementarmente, Borges (2018), em sua tese, discute a noção do que é a materialidade e a materialização da informação. A autora defende que essas duas construções são resultados do processo de apropriação da informação que, segundo a autora, é a construção contínua de atribuição de significados, sociais, ideológicos e dialógicos. No Quadro 8 é apresentado a definição de materialização e materialidade:

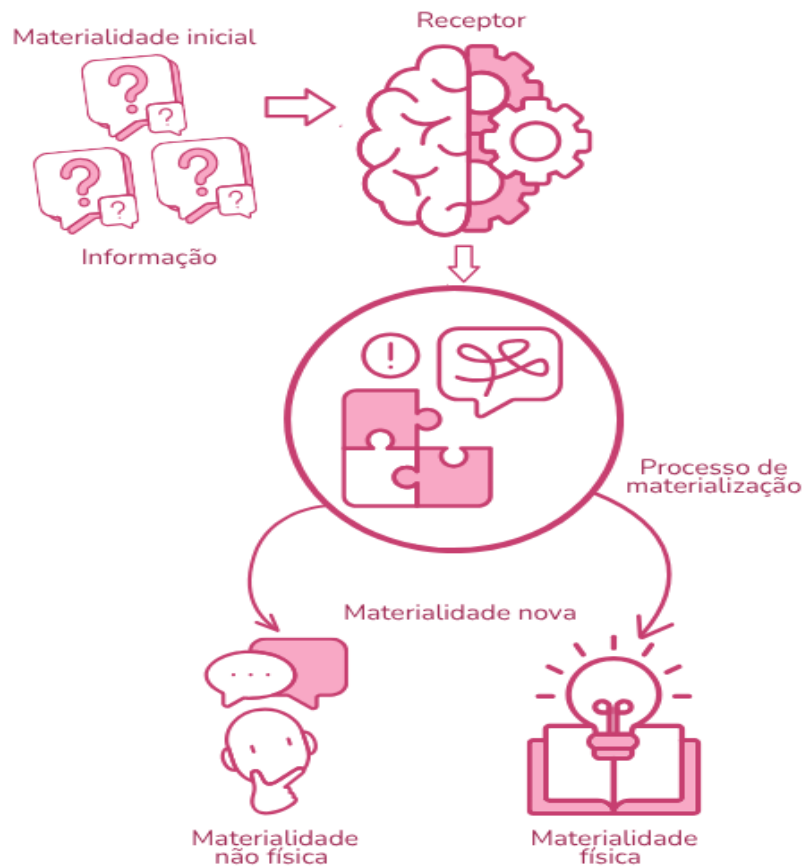
Quadro 8 - Conceito de materialização e materialidade da informação

Conceito	Definição (segundo Borges)	Elementos envolvidos
Materialização	Processo que resulta da apropriação da informação, envolvendo a articulação entre partículas de protoinformação, manifestações informacionais e consciência informativa.	Protoinformação; Manifestação informacional; Consciência informativa
Materialidade	Estado assumido pela informação após sua materialização, podendo ser física (ex.: objeto, texto) ou não física (ex.: pensamento, sensação, discurso interior).	Resultado da materialização

**Fonte:** Borges (2022), elaborado pela autora (2025).

A partir da conceituação e do entendimento que a materialização e a materialidade são dependentes, a Figura 8 apresenta o ciclo de transformação da materialidade, onde o receptor ao receber uma informação (materialidade), inicia o processo de materialização, tornando o indivíduo capaz de assimilar uma nova materialidade que pode ou não ser física.

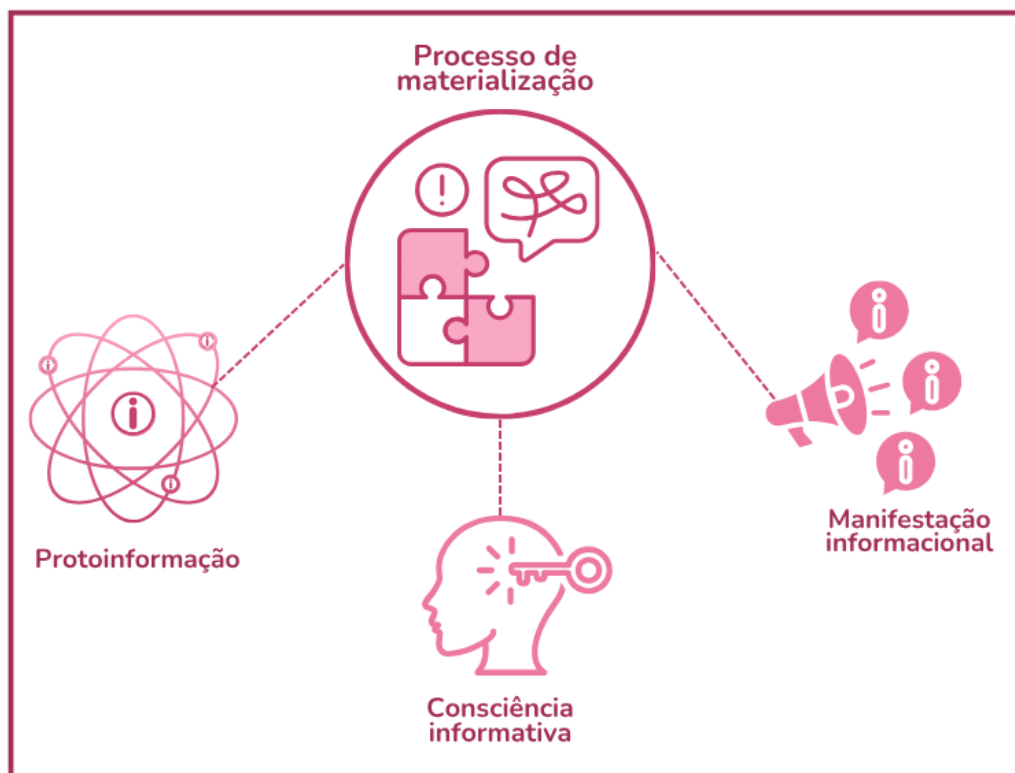
Figura 8 - Ciclo da materialidade e materialização



**Fonte:** Borges e Almeida Junior (2022), elaborado pela autora (2025).

Diante do entendimento do ciclo de materialidade e da materialização, os autores destringem o processo que ocorre para a materialização da informação, podendo obter um resultado físico ou não. Na Figura 9, fica evidenciada a interação constante de três elementos: a protoinformação; a consciência informativa; e a manifestação informacional.

Figura 9 - Elementos do processo de materialização da informação.



**Fonte:** Borges e Almeida Junior (2022), elaborado pela autora (2025).

A partir da compreensão de que a materialização, e o Ato de "Tornar Real", é o resultado do processo de apropriação, o momento em que a informação se constrói e ganha forma (Borges e Almeida Junior, 2022), esse raciocínio permite criação de etapas para a sistematização da comunicação informal, tomando como base a materialização interna, que ao reconhecer que as interações informais podem ser apropriadas, interpretadas e convertidas em formas representáveis, abre-se caminho para estruturar metodologicamente sua coleta, organização e representação, de modo a contribuir efetivamente para a construção da memória institucional. Após essa materialização, o produto informacional resultante retorna ao campo da materialidade, assumindo a forma física da materialidade, pode ser representada, recuperada e preservada.

### 3.3. Repositório Digital

Os canais de comunicação passaram por modificações, principalmente a partir do advento da tecnologia e da expansão da internet. O acesso e a disponibilização da

informação também passaram por mudanças, se tornando progressivamente entrelaçada aos aspectos tecnológicos, como, periódicos de acesso online, exposições interativas e fóruns de pesquisa online.

As TIC causaram mudanças permanentes nos canais de comunicação formais e informais, resultando na modificação e diversificação da transmissão e recepção da informação entre a comunidade científica, transformando a utilização e busca das informações, tornando um processo mais rápido e volátil (Campello; Cendón; Kremer, 2000).

Diante disso, os RD se transformaram em uma ferramenta significativa para a gestão de objetos digitais, produzidos em realidades virtuais ou digitalizados a partir de materiais já existentes (Arellano, 2004).

Camargo e Vidotti (2009) caracterizam os RD como sendo um ambiente designado para a realização do armazenamento, gerenciamento, tratamento, recuperação, uso, preservação e disseminação do conhecimento científico de uma determinada instituição ou comunidade. Sendo um local onde a informação passa por todos os processos necessários para a utilização da informação por pesquisadores.

Para Viana e Arellano (2006) os RD são ferramentas de armazenamento de objetos digitais, que têm a capacidade de manter e gerenciar material por longos períodos de tempo, promovendo uma longevidade e acesso apropriado ao conhecimento. Sendo ambientes propícios para produtores, disseminadores e usuários de documentos digitais.

Sarmiento *et al* (2005) define os RD como coleções digitais que armazenam e disponibilizam produções intelectuais de uma ou mais instituições, sem qualquer custo para o produtor e consumidor da informação.

Entende-se, portanto, que a definição de RD se baseia em um mecanismo de armazenamento, gerenciamento e disseminação da informação de objetos digitais, podendo ser representados de diversas maneiras, atendendo a necessidade de utilização da informação. Ao se tratar de comunicações científicas, esses objetos tendem a ser entendidos como textuais, porém os RD podem ser utilizados para a preservação de objetos digitais multiformes (vários formatos), criando a capacidade

de representação da informação, caminhando em um sentido mais fluido para a transmissão da informação e do conhecimento.

Para Viana, Márdero, Arellano e Shintaku (2006, p. 3):

Um repositório digital é uma forma de armazenamento de objetos digitais que tem a capacidade de manter e gerenciar material por longos períodos de tempo e prover o acesso apropriado. Essa estratégia foi possibilitada pela queda nos preços no armazenamento, pelo uso de padrões como o protocolo de coleta de metadados da Iniciativa dos Arquivos Abertos (OAI -PMH), e pelos avanços no desenvolvimento dos padrões de metadados que dão suporte ao modelo de comunicação dos arquivos abertos (Viana; Márdero; Arellano; Shintaku, 2006, p. 3).

Guimarães, Silva e Noronha (2009), pontuam os dois principais objetivos que justificam a criação de um repositório, o primeiro viés é voltado para o movimento de acesso livre (*open access*) das comunicações científicas, e a segunda com atenção à gestão de conteúdo, aplicada a um sistema de informação, na qual as funções do repositório são para a organização e acesso ao conteúdo ali disponibilizado.

O acesso livre é uma abordagem amplamente reconhecida e discutida na CI, sendo base para justificar a criação de RD. Guimarães, Silva e Noronha (2009) apontam que, apesar de o acesso livre ser um movimento em crescimento, ele não é uma característica presente em todos os casos, já que alguns RD impõem restrições devido a questões de direitos autorais.

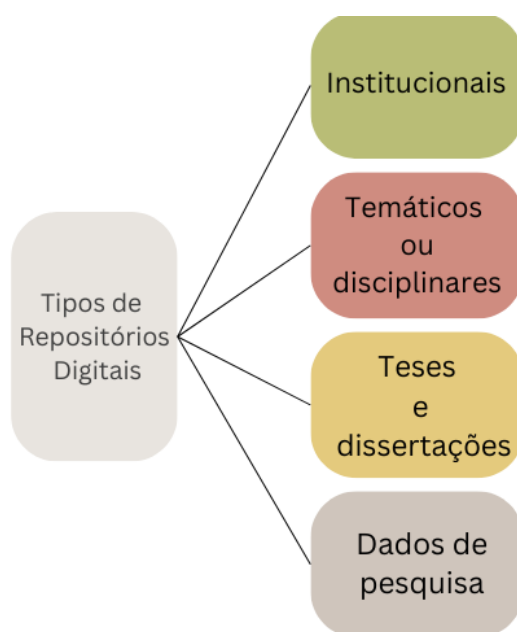
Para Guédon (2009), os RD, enquanto sistemas de informação, desempenham um papel estratégico na redefinição das funções das bibliotecas, especialmente no que diz respeito à gestão, organização e disponibilização da informação, atividades essas conduzidas por profissionais da área.

Além disso, os RD são um recurso importante para ampliar o impacto dos resultados científicos e garantir maior visibilidade e acessibilidade ao conteúdo acadêmico e institucional. Nesse sentido, não só democratizam o acesso ao conhecimento, mas também fortalecem o papel das bibliotecas como agentes de transformação digital e de letramento informacional. Outro ponto importante é a possibilidade de utilização dos RD para promover a interoperabilidade entre diferentes

plataformas e assim facilitar o compartilhamento e recuperação de dados dentro da comunidade acadêmica científica.

Oliveira (2019) apresenta quatro principais categorias de repositórios, de acordo com suas finalidades, que são apresentadas na figura 10:

Figura 10 - Tipos de repositórios



**Fonte:** Elaborado pela autora, com base em Oliveira, 2019.

- a) **Institucionais:** tem como finalidade reter, preservar e disseminar a produção intelectual gerada pela comunidade científica de uma instituição, independentemente de sua natureza, seja ela acadêmica, empresarial, ou qualquer outro tipo (Ávila; Silva; Cavalcante, 2017; Leite, 2009; Weitzel, 2006).
- b) **Temáticos ou disciplinares:** abrangem uma área de conhecimento ou campo de estudo específico, sendo voltados para atender as necessidades de um público-alvo particular, estabelecido para preservar o conhecimento de uma área específica (Ávila; Silva; Cavalcante, 2017; Leite, 2009; Weitzel, 2006).
- c) **De teses e dissertações:** concentram-se em compilar e disponibilizar teses e dissertações elaboradas pela comunidade acadêmica e/ou científica de uma

instituição ou de um conglomerado de instituições (Ávila; Silva; Cavalcante, 2017; Leite, 2009).

- d) **Dados de pesquisa:** asseguram o acesso contínuo e irrestrito aos resultados de pesquisas expressos na forma de conjuntos de dados para demais pesquisas (Sayão; Sales, 2016).

Seguindo a ideia de categorização dos repositórios, Kuramoto (2011) divide os repositórios em nove tipologias distintas, no entendimento do autor, embora haja diferenças, é necessário se atentar às definições e critérios na hora da classificação e proposta de cada repositório, levando em consideração a finalidade, os documentos e o acesso, por exemplo. A seguir, no Quadro 9, são apresentados os tipos de repositórios segundo Kuramoto (2011):

Quadro 9 - Tipologia de repositórios digitais segundo Kuramoto

TIPOLOGIA	DEFINIÇÃO
Institucional	Repositórios que tem como finalidade o armazenamento e disseminação da produção científica de uma dada instituição;
Temático ou Disciplinar	Caracteriza um repositório que armazena a produção de uma determinada área do conhecimento;
Central	Repositório que dispõem as produções científicas referentes a pesquisas financiadas por uma ou mais agências de fomento;
Departamental	Caracteriza-se por armazenar produções de um departamento de uma instituição
Inter-Institucional	Armazena produções de duas ou mais instituições;
Nacional	Repositórios que armazenam produções científicas de um país;
Internacional	Repositórios que armazenam produções científicas de mais de um país;
Regional	Repositório que armazena produções científicas de uma região. Por exemplo: América Latina, União Europeia ou Região Nordeste do Brasil;
Estadual	Repositórios que armazenam a produção



	científica de um estado ou unidade da federação.
--	--

**Fonte:** Elaborado pela autora, com base em Kuramoto, 2011.

Portanto, a criação de um repositório digital está diretamente relacionada ao propósito para o qual será utilizado, o que enfatiza a importância de se ter bem estabelecido suas características específicas. Para alcançar esse objetivo, o repositório deve estar alocado em uma infraestrutura robusta e adequada ao desempenho do uso de suas funções.

Conforme destacam Camargo e Vidotti (2009), o processo de desenvolvimento de RD pode ser aprimorado com o suporte de uma Arquitetura da Informação capaz de gerenciar a complexidade e o grande volume de elementos envolvidos. Além disso, para que esses repositórios sejam projetados para incorporar funcionalidades interativas e colaborativas, promovendo não apenas a eficiência na recuperação da informação, mas também sua ampla disseminação no contexto científico (Camargo, Vidotti, 2009).

### 3.3.1. Repositório Temático

O repositório temático ou disciplinar (RTD) carrega em si documentos científicos de uma ou mais instituições ou eventos científicos que tratem de um determinado tema ou área do conhecimento, portanto, muitas das vezes, é a porta de entrada para muitos pesquisadores, possuindo características que são vistas apenas nesse modelo de repositório. Os documentos inseridos nos RTD fazem parte das produções realizadas em eventos científicos, grupos de pesquisa, departamentos e outros ambientes que conversem com as temáticas tratadas no repositório. Na literatura é possível observar várias definições e usabilidades em relação a essa categoria de RD.

Para Rodrigues (2005) os RTD são sistemas que arquivam os resultados de investigação de uma ou várias disciplinas que convergem sobre uma mesma área do conhecimento. Diante disso, um repositório temático se trata de um conjunto de pesquisas de uma determinada área do conhecimento disponibilizada digitalmente. Suas principais características perpassam pelo processamento automático dos mecanismos de discussão entre pares, tipologias variadas de documentos,

interoperabilidade entre outros repositórios temáticos e outros serviços que podem ser integrados às necessidades de usabilidade apresentadas pelos pesquisadores da área (Café *et al.*, 2003).

Ainda no sentido de definir a relevância de um RTD, a capacidade de reunir uma bibliografia determinada disciplina, a relevância temática, caso esses documentos tenham uma boa curadoria ao adentrar na base de dados, se torna uma das principais vantagens do RTD, pois centraliza as principais publicações da temática e facilita a estruturação de um levantamento bibliográfico em uma única plataforma (Araújo *et al.*, 2019).

A implementação de um repositório temático segue os mesmos princípios básicos da criação de qualquer outro tipo de repositório já mencionado anteriormente, exigindo infraestrutura de hardware e software cuidadosamente planejados para garantir seu funcionamento eficiente. Porém, o RTD é único por focar em um tema específico, o que o torna projetado para atender às necessidades específicas de seus usuários, incluindo a diversidade dos tipos de materiais presentes na base de dados do repositório. Além disso, a implantação de um RTD exige a elaboração de um plano de comunicação estratégico para que alcance seu público-alvo, certificando-se de que o conteúdo ali inserido seja relevante e acessível.

Diante disso, mesmo que os passos para a implantação de um RTD sigam basicamente as mesmas diretrizes para os demais tipos de repositório, Doria, Inchaurredo e Montejano (2013), estabelecem quais as principais diretrizes devem ser consideradas na construção do RTD, são levadas em consideração a finalidade, funcionalidade, políticas e as atividades do repositório. Conforme pode ser observado no Quadro 10:

Quadro 10 - Diretrizes para a criação de um repositório

DIRETRIZES	DEFINIÇÃO
<b>Finalidade</b>	As finalidades de um repositório temático são de compartilhar, reutilizar e preservar resultados de investigações de um campo disciplinar;
<b>Funções</b>	O repositório deve oferecer um conjunto de funções de utilidade administrativas, de gestão e para os usuários, para que possam se organizar em níveis técnicos, de conteúdo, de serviço e

	recursos.
<b>Políticas</b>	As políticas devem especificar quais os documentos vão ficar disponíveis, quais os tipos e os canais de publicação formais e informais dos documentos. Determinar a política de metadados, preservação, de usuários e de licenças necessárias.
<b>Atividades</b>	Atividades básicas para construir um repositório temática de acordo com políticas: 1. Análise documental do conjunto de documentos que fará parte do repositório. 2. Análise de requisitos. 3. Projeto. 4. Seleção e implementação de tecnologia.

**Fonte:** Elaborado pela autora, com base em Dória, Inchaurredo e Montejano, 2013.

### 3.3.2. Repositório Institucional

Assim como outros tipos de repositórios, os repositórios institucionais (RIs), fazem o papel de preservação e disseminação do conhecimento. A peculiaridade vinculada ao RIs, está ligada a sua instituição ou evento científico, tornando-se, assim, um ponto de acesso aos materiais produzidos pela instituição mantenedora. Diferente de outras tipologias de repositórios, os RIs apresentam características específicas, uma vez que abrigam as comunicações resultantes de produções científicas da instituição, entidades associadas, incluindo os eventos científicos.

Lynch (2003), um repositório institucional constitui-se como sendo um conjunto de serviços que a universidade/instituição oferece aos membros de sua comunidade, visando à gestão e à disseminação de materiais digitais criados pela instituição e por seus membros. Em contrapartida, Ware (2004) os define como bases de dados na web que armazenam materiais acadêmicos institucionalmente delimitados.

Costa e Leite (2009) elucidam sobre a perspectiva biblioteconômica dos RIs, destacando sua função primordial na gestão e ampla disseminação de coleções digitais de informação científica, contribuindo para a expansão da comunicação e do acesso aos resultados de pesquisa. Marcondes e Sayão (2009), por sua vez, os conceituam como bibliotecas digitais voltadas à preservação e ao livre acesso à produção acadêmica institucional.

A implantação de um RIs segue os mesmos princípios dos demais repositórios, exigindo uma estrutura tecnológica de hardware e software adequados. O que difere a questão da institucionalidade, principalmente, na variedade tipológica dos documentos presentes na base de dados. Sayão e Marcondes (2009) colocam que a constituição de um RIs abrange questões políticas, legais, educacionais e culturais, além de aspectos técnicos, sendo essencial que sua estrutura se alinhe aos objetivos da instituição em que está vinculada.

Ao serem analisados os RT e RI, possuem características que os distingue, pois os RI um tem como vinculação uma instituição que os mantém. Enquanto os RT são estruturados para uma temática especializada. Apesar de terem suas diferenças, um repositório temático também pode ser institucional, dependendo da sua gestão e finalidade, como é o caso de um repositório de memória relacionado a eventos científicos.

#### **4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Nessa sessão apresenta-se a metodologia utilizada para o desenvolvimento desta pesquisa. Gil (1999) coloca que o método científico é um conjunto de procedimentos intelectuais e de técnicas utilizadas para a construção do conhecimento, sendo necessário a sistematização das etapas seguidas para alcançar os objetivos propostos no projeto. Oliveira (2011) define que ao escolher o método, explica-se as motivações de determinada linha de raciocínio e práticas adotadas na pesquisa.

A pesquisa configura-se como quali-quantitativa, no âmbito da análise qualitativa tem como objetivo explorar o processo de materialização da comunicação informal para a formal, sendo assim possível o seu registro e disseminação utilizando as plataformas e tecnologias digitais. A pesquisa qualitativa tem como característica analisar os aspectos mais subjetivos do fenômeno estudado, descrevendo suas complexidades. Fornecendo a análise dos hábitos, atitudes, interações e tendências (Marconi; Lakatos, 2022), assim explorando a complexidade do registro das comunicações informais geradas em eventos científicos e sua relevância na construção da memória científica.

Em relação às análises quantitativas, pode-se afirmar tal conclusão a partir da definição de Richardson (1999), que caracteriza a pesquisa quantitativa pelo emprego da quantificação, tanto nas modalidades de coleta de informações quanto no tratamento delas por meio de técnicas estatísticas. A pesquisa utilizou dessas características ao mensurar e analisar as comunicações formais presentes no repositório do SHB.

Esse estudo é fundamentado nos princípios da comunicação extensiva (CEEx) e Animaverbovocovisualidade (AV3) e seus desdobramentos, com o foco na exemplificação de um modelo conceitual que estabeleça um processo para a representação das comunicações nas comunidades científicas de maneira dinâmica, imersiva e acessível.

O SHB possui um repositório institucional<sup>4</sup> com a memória do evento, porém esses registros se baseiam apenas nas produções acadêmicas e alguns outros registros de imagens, não abrange a questão do registro das comunicações informais que fazem parte do evento. Também serão levadas em consideração as interações nas redes sociais, especialmente no Instagram<sup>5</sup> e no *Whatsapp*, durante o evento para mapear as comunicações informais que podem ser transformadas em produtos informacionais formais passíveis de representação no próprio repositório do SHB.

A partir dos dados obtidos serão feitas as análises, buscando identificar elementos que sustentem a transição da comunicação informal para a formal. O estudo resultará em estratégias para o processo de materialização da comunicação informal não estruturada, para uma comunicação formal ou semi-formal. As estratégias tem como objetivo analisar os processos comunicativos e a maneira como a comunicação informal se transforma em ações formais em um processo contínuo de integração entre os ambientes digitais e a comunidade científica, permitindo assim a preservação e a disseminação do conhecimento.

A representação da comunicação informal é fundamental para a constituição da memória científica de eventos científicos, contribuindo para o fortalecimento de grupos e ações integradoras. Quanto aos procedimentos escolhidos para a parte teórica desta pesquisa, foi realizado um levantamento bibliográfico, utilizando os seguintes termos relacionados ao estudo: i) Comunicação Científica; ii) Comunicação formal e informal; iii) Comunicação Científica AND Canais Eletrônica; iv) Comunicação Extensiva AND AV3; v) Repositório Digital AND Comunicação Científica e vi) Representação da informação.

O levantamento bibliográfico abrangeu diversas fontes, incluindo livros e base de dados eletrônicas de acesso público e privado, tais como Periódicos da CAPES<sup>6</sup>, BRAPCI<sup>7</sup> materiais selecionados do Google Acadêmico<sup>8</sup>, repositórios institucionais de

---

<sup>4</sup> Repositorio da memória do SHB disponível em: <http://hispano-brasileiro.com.br/>. Acesso em: 23 jun. 2025.

<sup>5</sup> Linktree com acesso para as redes sociais ativas do SHB e a página de submissão do evento de 2025. Disponível em: [linktr.ee/seminariohispanobrasileiro](http://linktr.ee/seminariohispanobrasileiro). Acesso em: 23 jun. 2025.

<sup>6</sup> Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior é uma agência do Ministério da Educação (MEC) que atua na expansão da pós-graduação no Brasil.

<sup>7</sup> Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação

<sup>8</sup> Ferramenta gratuita do Google que permite pesquisar documentos científicos, como artigos, livros, teses e dissertações

universidades federais brasileiras e repositório de universidades internacionais. Foram realizadas as seguintes etapas:

### **1. Análise das comunicações geradas no evento**

A análise das comunicações foi feita considerando as edições que compreendem o período de 2012 até 2023. Para a obtenção dos dados apresentados foi utilizado como filtro “Tipo texto” nas buscas, marcador que se refere aos materiais textuais presentes em cada coleção correspondente a edição do SHB. A partir dos resultados foi feita uma limpeza dos dados, validando apenas o que seriam os registros completos e registros parciais<sup>9</sup>.

### **2. Categorização dos canais de comunicação do evento**

Com base nos no referencial teórico adotado e nas definições adotadas nesta pesquisa, foi feito o mapeamento dos canais de comunicação utilizados no SHB. A partir das definições os canais foram categorizados, possibilitando uma visão aprofundada de como os canais atuam na preservação e na organização das comunicações geradas pelo SHB.

### **3. Estratégias para a representação da memória das comunicações formais e informais em repositórios digitais**

Com base na literatura, no entendimento dos canais de comunicação, e do que se compreende por materialização e materialidade, foi desenvolvido um modelo para a representação das comunicações geradas no evento, usando princípios de Comunicação Extensiva e AV3 (Animaverbivocovisualidade) para incorporar diferentes formas de expressão na ciência e na comunicação científica. E a partir disso, a exemplificação de possíveis produtos informacionais que possibilitem a representação em um repositório digital que permita visualizar a interação entre diferentes tipos de comunicações resultantes de um evento científico (textos, vídeos, áudios).

---

<sup>9</sup> No repositório existem os registros completos, que são os trabalhos que possuem acesso ao arquivo completo das comunicações, sendo elas os artigos individuais ou os livros com essas publicações. Já os registros incompletos não possuem acesso ao arquivo completo, mas são registrados para garantir o registro da memória dos trabalhos que foram apresentados e que por algum motivo não foram localizados ou publicados para serem inseridos no repositório.

## 5. Análise de Resultados

### 5.1. Memória científica do Seminário Hispano-Brasileiro

A partir do entendimento das temáticas apresentadas no referencial teórico, o presente trabalho tem como objetivo demonstrar que a memória científica produzida no ambiente dos eventos científicos, pode ser melhor registrada, a partir da comunicação formal e informal, com o avanço das tecnologias e o uso de novos indicadores. Como estudo aplicado, observa-se a ação comunicativa do SHB, traçando uma linha do tempo e analisando além das informações de sua trajetória, aspectos relacionados à comunicação formal e informal do evento em um recorte temporal de 2012 a 2023, compreendendo o as primeiras edições, período pandêmico e pós-pandêmico, como cenários propositivos a esse debate.

Essa análise, que consiste em uma abordagem quali-quantitativa, demonstrará como a memória científica de um evento pode e deve ser constituída através da representação das comunicações formais e informais geradas no decorrer do evento, analisando também as transformações nessas duas dimensões a partir do AV3. Para além disso, leva-se em consideração as relações humanas, experiências e *insights* que acontecem no decorrer das atividades do SHB, utilizando mecanismos digitais de salvaguarda da informação, por meio da utilização das ferramentas digitais, como é o caso dos repositórios digitais, que permite uma representação mais extensiva das informações, desvencilhando-se das normas rígidas e padrões fixos da comunicação formal e intensiva, onde, a informalidade se transforma em informação dinâmica e ativa perante a comunidade científica (Simeão, 2006).

A abordagem selecionada também contribui para ao debate sobre a consolidação da memória de eventos científicos, de maneira mais completa e acessível, fazendo com que a preservação e a disseminação da informação aconteçam de modo mais plena, atendendo às necessidades dos usuários, fortalecendo e diversificando a produção de conhecimento formal e informal nos eventos, de modo a corroborar com o crescimento da base de dados do repositório do SHB. Nesse sentido, pode-se difundir mecanismos de representação mais complexos e incorporar os conceitos do AV3 e comunicação extensiva, para assim aumentar a compreensão da dinamização das práticas comunicativas e de produção multimídia da informação e do conhecimento.



Para consolidar a abordagem metodológica e compreender como a comunicação informal pode ser representada de maneira ativa e dinâmica em repositórios, o trabalho se pauta nos seguintes aspectos: i) estudo dos conceitos abordados no referencial teórico; ii) na análise das comunicações geradas no evento, que estão dispostas no repositório do SHB; iii) Categorização dos canais de comunicação do evento; e iv) Como o conceito de materialização da comunicação pode ser utilizada para a dinamização da informação e para a constituição da memória científica do SHB.

## 5.2. Análise das comunicações SHB

Para o desenvolvimento desta pesquisa, foi utilizado como base de dados, o repositório do SHB, que conta com as produções do evento desde seu início, em 2012, o corte temporal utilizado nesta pesquisa e de 2012 a 2023. A memória do evento presente no repositório contou com a contribuição dos participantes, por meio de acervos pessoais, depoimentos e acervos das instituições<sup>10</sup> que já sediaram o evento. A diversidade de fontes enriquece a construção da memória, oferecendo uma perspectiva mais ampla dos acontecimentos do evento, com o foco mais formal e também informal representados nos diferentes documentos encaminhados para o repositório. Contudo, pela diversidade das fontes, as coleções variam de quantidade e variedade de informações, pois o resgate da memória fica restrita à contribuição dos participantes.

Além disso, as programações do evento foram utilizadas como parâmetro para análise da ação comunicativa do SHB, na edição de cada ano, é possível observar o detalhamento das atividades realizadas, no contexto mais formal e na dimensão informal, incluindo as visitas técnicas e oficinas, além das apresentações formais de trabalhos, destaca-se a pluralidade de atividades, que incluem as intervenções culturais, visitas técnicas, oficinas, exposições, palestras e outras atividades complementares que contribuem no entendimento do impacto no âmbito científico e cultural, auxiliando na compreensão das ações formais e informais em um contexto

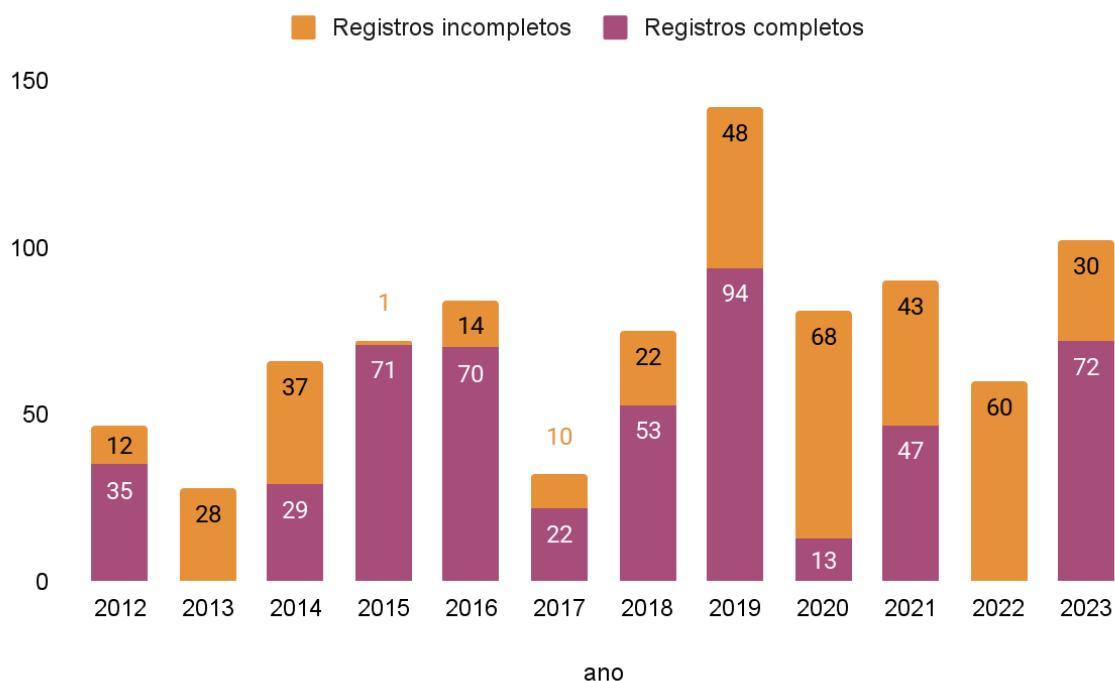
---

<sup>10</sup> As imagens, áudios e vídeos disponibilizados no repositório foram registrados durante eventos científicos de caráter público e têm finalidade exclusivamente acadêmica, informativa e de preservação da memória institucional. A partir da edição de 2025, a submissão de trabalhos ao evento implica concordância com as políticas do evento, incluindo a autorização para uso de imagem. Caso haja a identificação de materiais que precisem de remoção, o contato para tal é o e-mail da organização do evento: [seminariohispanobr@gmail.com](mailto:seminariohispanobr@gmail.com)

mais tecnológico, por tanto, as programações são o alicerce documental de que as atividades e comunicações foram executadas, e a partir delas que a memória do evento é resgatada.

No entanto, a análise inicial evidenciou que a memória contida no repositório do SHB, se apresenta de maneira predominantemente estática, em contradição com o movimento original proposto para o repositório, a de seguir a conceituação do AV3 para a multivocalidade da informação, de propiciar uma comunicação ativa com o usuário, permitindo uma interação multidimensional. No Gráfico 1 pode-se observar a quantidade de trabalhos apresentados por ano/edição do evento, que estão registrados no repositório. Tais comunicações formais possuem duas características: o registro completo, que contém o arquivo para acesso completo da comunicação e, os registros incompletos, que possuem algumas informações sobre a comunicação, que foram inseridos na base de dados do repositório para constar que fizeram parte da edição do evento, mantendo assim a ideia de memória das atividades desenvolvidas em cada edição.

Gráfico 1- Comunicações formais por ano



Fonte: Elaborado pela autora (2025)

No Gráfico 1, observa-se a quantidade de comunicações formais registradas no repositório da memória do SHB entre os anos de 2012 e 2023. Ao todo foram recuperados 879 registros de comunicações formais. Nota-se que os anos iniciais, 2012 e 2013, apresentam um número reduzido de registros. Tal fato pode ser atribuído pela consolidação do evento, e pela dificuldade de resgate e sistematização das informações, considerando possíveis lacunas nos registros depositados no repositório.

A partir de 2014, verifica-se uma relativa estabilidade nas comunicações registradas no repositório, com pequenas variações no decorrer dos anos. No entanto, os anos de 2017 e 2019, destacam-se por apresentarem variações expressivas. Em 2017, a redução dos números de registros das comunicações formais, pode estar relacionada ao fato do evento ter ocorrido em consonância ao Simpósio Internacional de Educação e Comunicação (SIMEDUC), o que pode ter dificultado a organização e a identificação das comunicações específicas do SHB.

Em contrapartida, em 2019, nota-se um aumento expressivo de comunicações apresentadas no evento. Esse crescimento pode ser associado ao fato de que o evento foi sediado pela Universidade de São Paulo (USP), instituição de renome e projeção acadêmica, que possivelmente contribuiu para o aumento de participantes e submissões.

Atualmente o conteúdo do acervo é composto majoritariamente pelos trabalhos apresentados, artigos e resumos, em formatos textuais. Há também um acervo de imagens, no qual, a maioria, representa as próprias apresentações. Há uma quantidade menor de contribuições multimídias e interativas que poderiam enriquecer a experiência do usuário e ampliar a utilização do acervo. Mesmo contendo algumas representações e registros de atividades culturais e vídeos curtos que apresentam essas ações em edições informais, há evidente potencial de expansão, através de ferramentas digitais para a dinamização do conteúdo, em consonância com os indicadores de AV3.

O entendimento em relação a essa carência, reforça a relevância da aplicação de conceitos como o AV3 na representação da informação em repositórios, pois, são espaços capazes de fomentar não apenas a preservação da memória, mas como a inovação na maneira de se acessar o conhecimento.

No presente momento o repositório do SHB, passa por atualização e manutenção da base de dados, portanto, as últimas edições ainda estão passando por esse processo. Até o momento, o repositório não utiliza ferramentas de dinamização da informação, nem possui ambientes diretos para a contribuição de participantes, por meio, por exemplo, do autoarquivamento ou formulários, ficando limitado aos registros comunicacionais intensivos.

Para alcançar esse objetivo de transformar um ambiente estático em dinâmico, torna-se necessário o desenvolvimento de práticas que englobam as tecnologias e as estratégias de comunicação voltadas para a aplicação dos conceitos trazidos na comunicação extensiva e no AV3 para dinamizar a representação das comunicações geradas no evento. A adoção de instrumentos de automação, interoperabilidade, análise e visualização de dados, aliadas à participação ativa dos pesquisadores, pode ampliar a usabilidade e acessibilidade do repositório. Assim, a implementação de interfaces interativas e sistemas de metadados possibilita uma melhor recuperação da informação, promovendo a necessidade do tratamento da comunicação informal como sendo essencial quando se tratar da memória de um evento que está ligada não apenas as comunicações formais que são submetidas ao evento, mas também às vivências e relações afetivas que ocorrem nos encontros acadêmicos.

Recursos como a transcrição automática de vídeos, a integração das redes sociais e plataformas de *streaming* permite a diversificação dos formatos informacionais e amplia o alcance do acervo do repositório gerando um maior interesse e usabilidade para a comunidade. A adoção de visualizações interativas, narrativas digitais e hiperlinks dinâmicos entre os documentos, favorece a construção de produtos informacionais que atendam as demandas aqui apresentadas, sendo mais flexíveis e adaptáveis às novas necessidades informacionais que surgem a todo instante, na sociedade contemporânea.

### 5.3. Definição das categorias de comunicação

À luz da literatura, e a partir da análise preliminar dos materiais disponíveis no repositório, foi feita a categorização e a identificação das comunicações formais e informais potencialmente presentes no SHB (em eventos científicos). Foi gerado o Quadro 9 com as categorias estabelecidas do que foi considerado comunicação formal, semi-formal e informal em eventos científicos. Tal abordagem busca perceber,

as dinâmicas comunicativas que permeiam o ambiente científico, onde os graus de formalidade e informalidade interagem e coexistem.

Para a organização das categorias, utilizou-se como fundamentação teórica os autores Targino (1999) e Aleluia (2009) e das percepções da autora baseadas na literatura especializada. As contribuições das autoras foram importantes para o estabelecimento dos critérios que identificaram as especificidades de cada tipo de comunicação. O processo envolveu a identificação de elementos formais e informais, sendo possível evidenciar as nuances das comunicações geradas em eventos científicos.

O Quadro 10 foi organizado em quatro partes, que considerou, o tipo de comunicação, sua descrição, principais características e exemplos. A estrutura permite categorizar e apontar diferenças e pontos de intersecção entre as tipologias comunicativas.

A identificação dos canais de comunicação existentes no evento permite compreender as dinâmicas informacionais e suas implicações no estudo. As interações formais, como as apresentações e as publicações e as informações presentes nas visitas técnicas e grupos de debate, contribuem para a construção e circulação do conhecimento. A distinção entre essas categorias possibilita entender quais registros poderão vir a ser incorporadas ao repositório e quais possíveis estratégias podem ser aplicadas, a fim de representar a diversidade comunicacional do evento. O mapeamento favorece a preservação e disseminação das trocas informacionais, reconhecendo a relevância e o fortalecimento das redes acadêmicas de comunicação.

Quadro 11 - Categorização das formas de comunicação

Tipo de comunicação	Descrição	Características	Exemplo
Informal	Espontânea e casual	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Não segue formato rígido</li> <li>- Facilita trocas rápidas de ideias</li> <li>- Inclui trocas pessoais</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Conversas nos corredores</li> <li>- Discussões durante os coffee breaks</li> <li>- Trocas de ideias em jantares e eventos sociais</li> <li>- Redes Sociais</li> <li>- Cartas e emails</li> <li>- Visitas técnicas</li> <li>- Intervenção Cultural</li> </ul>
Semi formal	Moderadamente estruturada, mas flexível	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Estrutura básica com interação flexível</li> <li>- Incentiva discussões abertas</li> <li>- Possui características formais e informais</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Sessões de perguntas e respostas</li> <li>- Discussões em pequenos grupos</li> <li>- Apresentações de pôsteres</li> <li>- Exposição</li> <li>- Palestras</li> </ul>
Formal	Estruturada e organizada	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Formato pré definido</li> <li>- Comunicação escrita</li> <li>- Validação dos pares</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Publicação de livros</li> <li>- Publicação de anais</li> <li>- Publicação de artigos em periódicos</li> </ul>

**Fonte:** elaborado pela autora (2024), com base em Targino (1999) e Aleluia (2009).

O estabelecimento do que se considera comunicação formal e informal, apresentado no Quadro 10, é importante para o processo de materialização e criação de produtos informacionais, que serão representados em repositórios digitais. A delimitação estabelece parâmetros para a descrição e categorização das informações, a fim de que os produtos gerados refletem as interações e conteúdos gerados nos eventos científicos. Ao reconhecer as particularidades de cada tipologia, e os papéis de cada comunicação, torna-se possível a criação de estruturas mais dinâmicas das trocas informais, faz com que seja possível uma representação que respeite a pluralidade das formas de conhecimento, sendo assim, o conteúdo disseminado e preservado.

A partir das definições estabelecidas no Quadro 11, foram categorizados os canais de comunicação utilizados pelo SHB, apresentados no Quadro 12:

Quadro 12 - Categorização dos canais de comunicação do SHB

Canal de comunicação	Função	Tipo de comunicação	Exemplo
Sessões Plenárias	Apresentação de palestras principais por especialistas	Formal	<a href="http://hispano-brasileiro.com.br/admin/items/show/658">http://hispano-brasileiro.com.br/admin/items/show/658</a>
Apresentações Orais	Exposição de pesquisas individuais ou em grupo	Formal	<a href="http://hispano-brasileiro.com.br/items/show/553">http://hispano-brasileiro.com.br/items/show/553</a>
Exposições	Exibição artística	Semi-informal	<a href="http://hispano-brasileiro.com.br/files/show/455">http://hispano-brasileiro.com.br/files/show/455</a>
Workshops e Visitas técnicas	Treinamento prático sobre temas específicos e visitas relacionadas às temáticas do evento.	Semi-informal	<a href="http://hispano-brasileiro.com.br/items/show/590">http://hispano-brasileiro.com.br/items/show/590</a>
Grupos de debates	Discussão entre especialistas com mediação	Informal	sem registros
Publicações de anais e livros	Registro oficial das comunicações apresentadas	Formal	<a href="http://hispano-brasileiro.com.br/items/show/914">http://hispano-brasileiro.com.br/items/show/914</a>
Redes sociais	Divulgação de informações e interações rápidas	Informal	<a href="https://linktr.ee/seminariohispanobrasileiro?fbclid=PAZXh0bgNhZW0CMTEAAaf0u14LNB1vP9i9t8ZfQTCL5ZOZ7GjhsT7Y-PgZwmq-EwJslkukmpwVrShpJw_aem_hTQo1K3xdpKQnjbQtp95g">https://linktr.ee/seminariohispanobrasileiro?fbclid=PAZXh0bgNhZW0CMTEAAaf0u14LNB1vP9i9t8ZfQTCL5ZOZ7GjhsT7Y-PgZwmq-EwJslkukmpwVrShpJw_aem_hTQo1K3xdpKQnjbQtp95g</a>
Repositório de Memória	Armazenamento da memória do evento, aliado a perspectivas interativas entre a comunidade científica	Semi-informal	<a href="http://hispano-brasileiro.com.br/">http://hispano-brasileiro.com.br/</a>

**Fonte:** elaborado pela autora (2024)

No Quadro 12, observa-se que cada um dos canais de comunicação utilizados pelo SHB contribui para compreender a efetividade da troca de conhecimento e para o estabelecimento de redes acadêmicas. A categorização desses canais, formais, semi-formais e informais, permite uma compreensão mais precisa das múltiplas formas de circulação da informação e construção do conhecimento no evento.

As sessões plenárias e as apresentações orais, por exemplo, representam, os canais formais, com uma estrutura pré-definida, com foco na exposição de conteúdos acadêmicos e a participação de especialistas. Esses espaços reforçam a validade científica e o caráter institucional do SHB, consolidando a troca de conhecimento dentro da comunidade científica.

Os canais informais, como as redes sociais e grupos de debate, proporcionam e estimulam uma interação horizontal entre os participantes. Esse tipo de comunicação favorece a disseminação e a troca de experiências mais rápida, fortalecendo vínculos de forma mais espontânea e colaborativa.

Já os canais classificados como semi-formais, como exposições artísticas, visitas técnicas, workshops e o próprio repositório, operam na zona intermediária. Pois são espaços onde a formalidade dos conteúdos apresentados e a fluidez das experiências se mesclam, contribuindo para uma abordagem mais interativa e perene. Dessa forma, os canais semi-formais têm o papel de ampliar as possibilidades e engajamento dos participantes, conectando os saberes técnicos à vivência prática, por meio de experiências formativas mais completas.

#### 5.4. Processo de materialização da comunicação informal

Diferente das comunicações formais, que já possuem em sua essência uma estrutura consolidada para a representação informacional, a comunicação informal não é estruturada dessa maneira, portanto, para que haja a representação dessas comunicações na memória de um evento, é necessário que passem pelo processo, que com base no referencial teórico, de Materialização da Comunicação (MC), onde a comunicação parte de sua natureza informal (materialidade inicial), através da comunicação extensiva, para um produto formalizado que possui características dinamizadoras e ativas, representado como um produto palpável para a representação (nova materialidade).

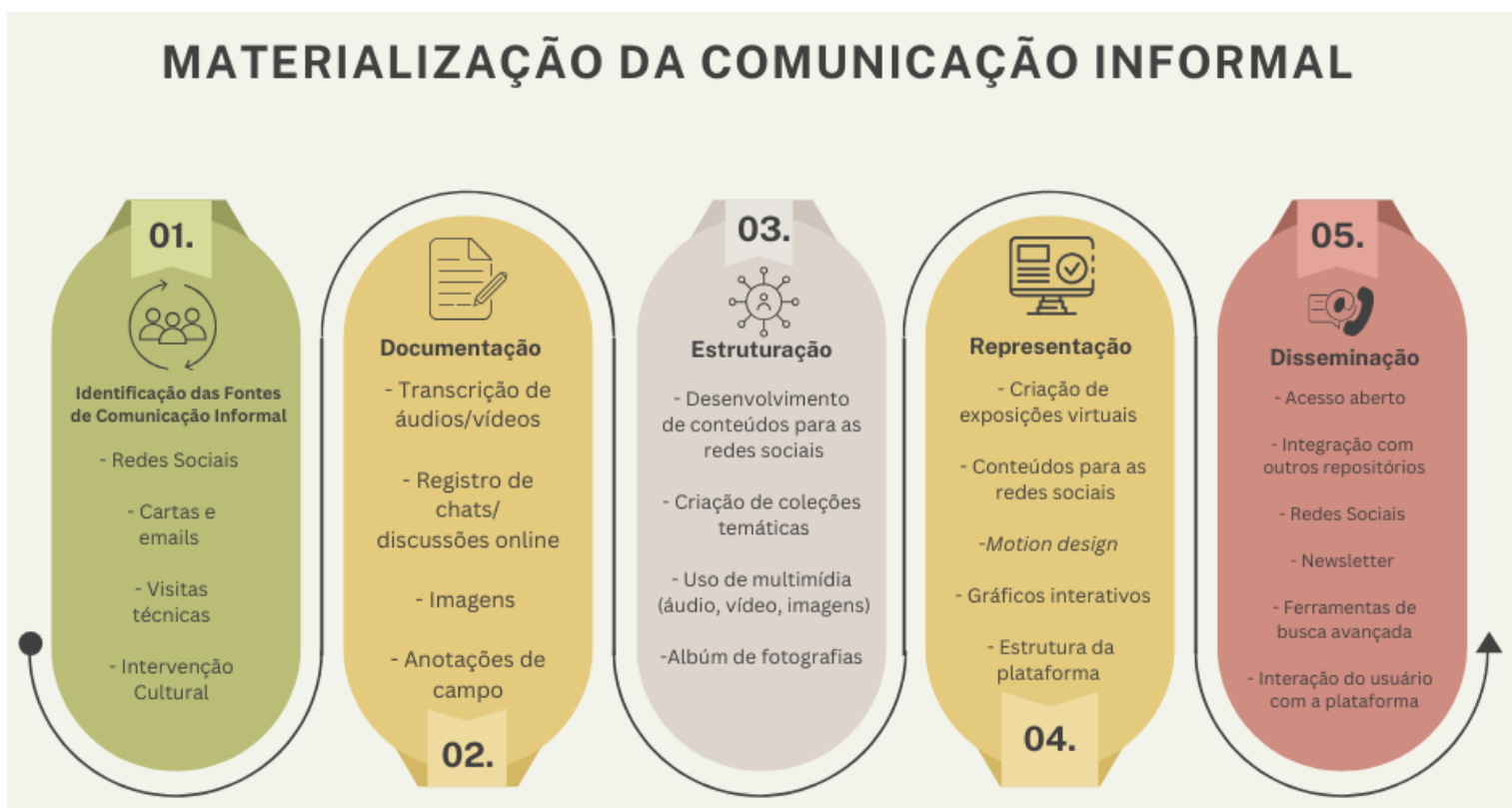
O processo de MC está ligado ao desenvolvimento de produtos informacionais oriundos das comunicações que são geradas no evento, com o intuito de representá-las no repositório para que possam ser acessadas e utilizadas pela sociedade. O processo está ligado diretamente com a definição dos suportes disponíveis para o tratamento das informações e com o estabelecido dos parâmetros das comunicações geradas. Ao captar principalmente as comunicações semi formais e informais, e



transcrevê-las de forma que a memória possa ser construída com as multifacetadas da informação, por meio de registro midiáticos, aplica-se os indicadores extraídos conceito AV3, combinando elementos visuais, verbais, imagético, auditivos e outras formas de dinamizar a comunicação informal.

São exemplos de comunicação informais, entrevistas dos participantes, onde relatam suas vivências no evento, nuvens de *tags*, registros dos grupos de pesquisas desenvolvidos a partir do evento, as visitas técnicas, oficinas e tantas outras maneiras informais de troca de conhecimento maneiras que estão sendo elaboradas, transformando uma comunicação estática em multifacetada. Na Figura 11 apresenta-se a esquematização de um processo de materialização da comunicação, que passa pelo processo que possibilita sua inserção no repositório.

Figura 11 - Materialização da Comunicação Informal



Fonte: elaborado pela autora (2024).

A partir dos passos esquematizados na Figura 11 é possível compreender a proposta para a representação da comunicação informal. O processo de materialização tem início pela identificação das fontes:

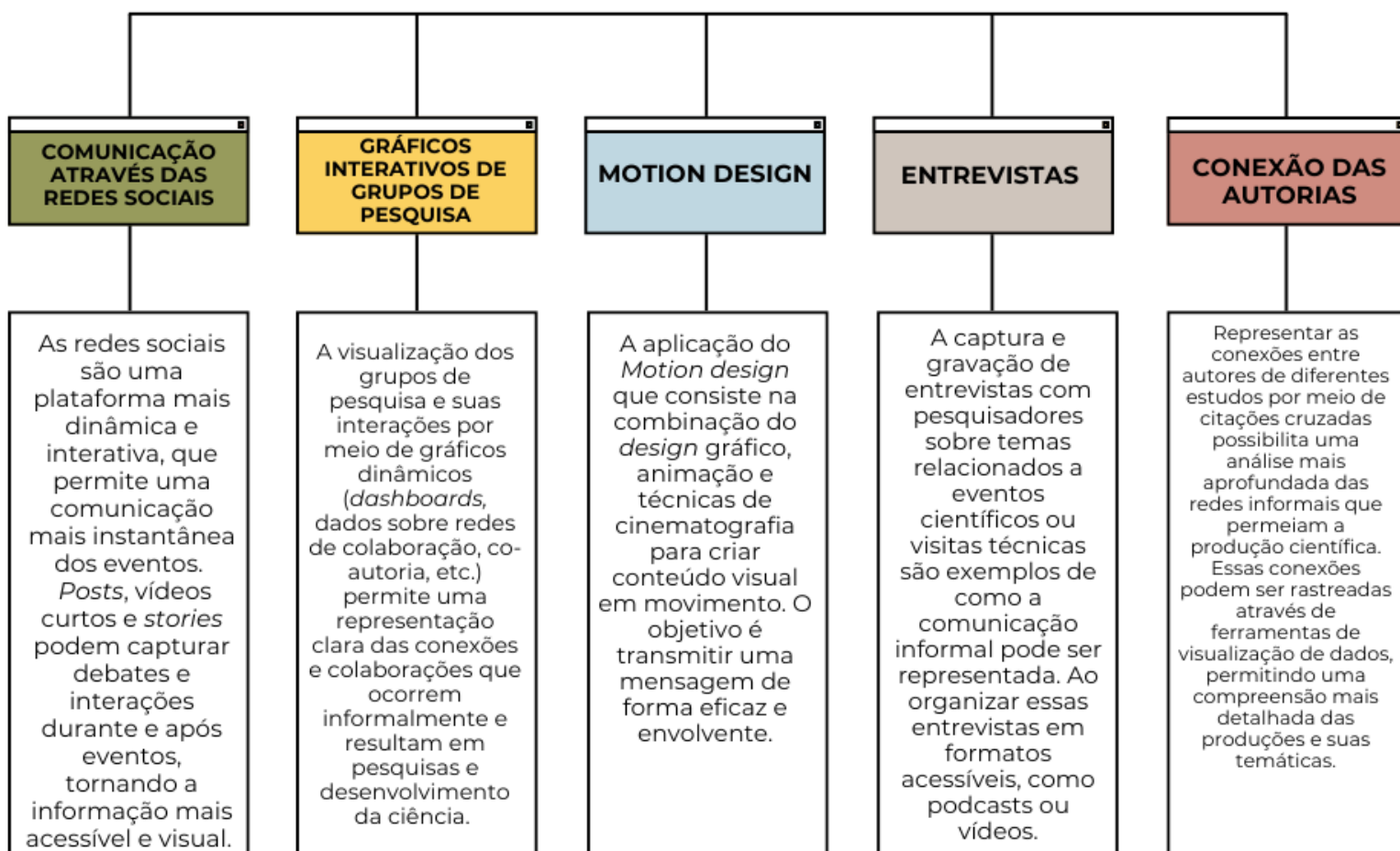
1. **Identificação das fontes de comunicação informal** e como elas estão inseridas no contexto dos eventos. Observar a relação dessas fontes com os conteúdos desenvolvidos pelos pesquisadores.
2. **Documentação** é o início do processo de transformação da comunicação informal, para que possa ser representada, através de registro imagético, transcrição de áudio, gravações e anotações de campo, por exemplo.
3. **Estruturação** estabelece a forma em que a comunicação informal, que passou pelo processo de documentação, será apresentada ao usuário. Pode ser transformado em conteúdo para as redes sociais, desenvolvimento de coleções temáticas, entrevistas, podcast, videocasts e outras formas.
4. **Representação** da forma em que esses produtos informacionais serão disponibilizados, de maneira às demandas informacionais, possibilitando a disseminação do conhecimento através das multifacetas da informação, transmitindo a informação de maneira mais interativa.
5. **Disseminação** está relacionado a plataforma em que esses conteúdos estarão disponibilizados, tendo a preocupação da informação estar preservada e disponível para consulta, tanto pela comunidade científica, quanto para os usuários que tenham interesse nos assuntos pesquisados. Buscando disseminar esses produtos por meio das redes sociais, repositórios institucionais, newsletter e sendo interoperável com outras plataformas.

O processo de materialização das comunicações informais é uma estratégia de preservação e representação da memória de eventos científicos. As comunicações informais, frequentemente desvalorizadas em registros formais, têm a capacidade de proporcionar interações entre pesquisadores, promovendo a troca informacional e o possível surgimento de colaborações.

Quando tratadas e representadas em repositórios digitais, as comunicações informais podem ser transformadas em produtos informacionais, que ampliam os debates e conectam os pesquisadores, de maneira mais rápida. Essa materialização corrobora para o desenvolvimento da ciência e fomenta as redes de conhecimento.

Após o processo de materialização, as comunicações, passam a ser a representações, por meio da materialidade física, podem ser apresentadas em produtos informacionais, resultantes da sistematização da informação, portanto, são apresentadas na Figura 12, cinco possibilidades de representação da informação:

Figura 12 - Exemplos de produtos informacionais



**Fonte:** elaborado pela autora (2024).

Diante dos exemplos explorados na Figura 12, observa-se que o processo de materialização possibilita que as comunicações informais passem a ter uma

representação que permite o registro e recuperação da memória, ainda que esteja, a priori, em um estado informal. Mesmo que a comunicação informal perca algumas de suas características originais durante o processo de materialização, a memória do SHB ainda pode ser enriquecida por ele, pois mesmo que não consiga abranger todas as informações e conhecimentos que foram trocados por meio dos canais informais, possibilita que aspectos relevantes das interações sociais, experiências subjetivas e vivências compartilhadas entre os participantes, ainda que parcialmente resgatados, sejam inseridos no acervo do repositório da memória do evento.

## **6. CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES DE PESQUISA**

A comunicação informal tem tanta importância para a constituição da memória de um evento quanto a comunicação formal, atuando significativamente para o avanço do conhecimento no contexto colaborativo presente em eventos científicos.

Ao capturar as interações que ocorrem entre pesquisadores, intervenções culturais, grupos de trabalho e outras atividades paralelas em eventos científicos, é possível transformar momentos espontâneos e efêmeros em registros concretos e permanentes. A materialização permite que as trocas informais, sejam representadas de forma estruturada e assim preservadas, a fim de serem acessadas posteriormente. Ao organizar e disponibilizar tais registros, amplia-se o alcance das informações, beneficiando não apenas os participantes do evento, mas também, a comunidade científica em geral, que pode usufruir desse conhecimento em diferentes contextos.

A materialização da comunicação informal cria a oportunidade simultânea de dinamização e preservação de contribuições valiosas para o conhecimento que tendem a se perder pelas suas características naturais de informalidade, e que possuem, pela sua essência, uma representação dos ambientes e das relações não tradicionais.

A sistematização das interações informais também fortalece a interdisciplinaridade e promove uma visão mais holística dos eventos científicos. Ao serem organizadas e transformadas em registros acessíveis, as comunicações possibilitam que os pesquisadores e demais interessados revisitem debates, identifiquem padrões e oportunidades de colaboração, analisem tendências emergentes no campo científico e lacunas de pesquisas, que talvez não fossem evidentes apenas por meio das comunicações formais.

A compreensão da sistematização da comunicação informal evidencia o papel dos repositórios como um ambiente não apenas de salvaguarda, mas também como um espaço de inovação, uma vez que podem ser usados para alocar produtos informacionais diversos, não só documentos de texto, como fotos, poesias, músicas, vídeos, dentre outros, que incorporem as dimensões formais e informais dos eventos, de maneira interligada.

Em vista disso, os repositórios são ferramentas que possibilitam a integração entre diferentes tipos de comunicação, facilitando a integração entre a formalidade e a informalidade. Eles funcionam como ponto de convergência para a construção colaborativa do conhecimento, onde informações advindas de vários formatos e perspectivas podem ser acessadas e utilizadas pelos pesquisadores. A estrutura dos repositórios, quando bem organizada, promove práticas acadêmicas, experiências informais e novos estímulos científicos por meio das interações entre usuários e seus conteúdos.

A utilização de espaços digitais como o dos repositórios para a sistematização da comunicação informal também contribui para a democratização do conhecimento, na medida em que os registros dispostos no acervo ficam disponíveis e permitem que pesquisadores, instituições e novos usuários interessados nas temáticas abordadas, tenham acesso à memória que estaria restrita apenas aos participantes, promovendo assim, a inclusão e a expansão de diálogos e novas perspectivas científicas.

A representação da comunicação informal se mostra importante diante da dinâmica rápida e volátil dos eventos científicos. Muitas das cooperações e *insights* surgem das comunicações informais, que podem se perder por não terem o mínimo de representação para a constituição da memória do evento. Para isso, as tecnologias digitais e metodologias de captura e documentação das interações são fundamentais, pois através delas a preservação das informações se torna possível.

Portanto, a utilização de estratégias de mapeamento, o registro e a materialização da comunicação informal em eventos científicos, não devem ser tratados como relevantes apenas para a construção da memória, mas também para o desenvolvimento científico, sendo um mecanismo de novas abordagens, experiências e conexões. Assim, é importante a aplicação e desenvolvimento de políticas institucionais que incentivem o processo, garantindo infraestrutura, capacitação e recursos dos repositórios para o desenvolvimento dos produtos informacionais, sua implementação efetiva e boa usabilidade dos usuários.

A partir das reflexões e resultados alcançados nesta pesquisa, identifica-se a possibilidade e o aprofundamento da investigação sobre a organização da comunicação formal e informal em eventos científicos. Recomenda-se, inicialmente, a

ampliação metodológica sobre o registro das comunicações formais e informais, com o desenvolvimento de abordagens para a representação da informalidade, por meio dos processos de materialização da informação, considerando a natureza espontânea e dinâmica deste tipo de interações. Essa expansão metodológica poderá contribuir com ações múltiplas na forma de produzir e circular o conhecimento.

Outra frente de pesquisa sugerida consiste no desenvolvimento de repositórios digitais específicos para eventos, capazes de preservar e organizar a memória dos encontros científicos em todas as suas dimensões, desde os registros formais, até as experiências culturais. Também se destaca a necessidade de estudos de usabilidade, com foco em compreender como os usuários integram os registros informais e de que maneira essas interações influenciam na construção e disseminação do conhecimento científico. Um campo complementar de pesquisas futuras refere-se à influência dos eventos científicos para além da esfera acadêmica, considerando seu impacto social, cultural e econômicos nas comunidades que acolhem esses encontros, pois tais atividades impulsionam o turismo científico e cultural, movimentam a economia local e promovem a troca simbólica e vivências culturais. Ao ampliar o olhar sobre o papel social dos eventos, as pesquisas contribuem para a política pública de incentivo à ciência e à cultura.

Por fim, recomenda-se investigar os impactos da democratização da informação, avaliando como o acesso ampliado a esses registros pode promover a inclusão científica, dando maior visibilidade e estimular novas redes de colaboração interdisciplinares.

## 7. REFERÊNCIAS

- ALELUIA, Lucitânia Rocha de. Comunicação científica ontem e hoje. **Revista Baiana de Saúde Pública**, Bahia, v. 33, n. 1, p. 131-138, jan./mar. 2009. Disponível em: <https://rbsp.sesab.ba.gov.br/index.php/rbsp/article/view/197>. Acesso em: 23 jun. 2025.
- ALMEIDA, Isledna Rodrigues de; OLIVEIRA, Bernardina Maria J. F. de; ROSA, Maria Nilza Barbosa. Repositórios digitais como espaços de memória e disseminação de informação. **Informação em Pauta**, [s.l.], v. 4, n. especial, p. 117–131, 2019. DOI: 10.36517/ip.v4iespecial.42609. Disponível em: <https://www.periodicos.ufc.br/informacaoempauta/article/view/42609>. Acesso em: 23 jun. 2025.
- AMANTE, M. J.; SEGURADO, T. **A gestão do conhecimento nas Universidades: o papel dos Repositórios Institucionais**. [s.l.], 2010. Disponível em: <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/1650>. Acesso em: 23 jun. 2025.
- AMORIM, Karen Santos-D`. A comunicação científica em movimento: das origens aos debates atuais. **Brazilian Journal Of Information Science**, [s.l.], v. 15, n. 1, p. 1-32, 2021. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/bjis/article/view/11468>. Acesso em: 23 jun. 2025.
- ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. **Arquivologia, Biblioteconomia, Museologia e Ciência da Informação: o diálogo possível**. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2014.
- ARÁUJO, D. O. **Repositórios Digitais: um estudo de características a partir de modelos categoriais**. 2019. Monografia (Graduação em Biblioteconomia) – Faculdade de Ciência da Informação, Universidade de Brasília, Brasília, 2019.
- ASSUNÇÃO, S. S.; DINIZ, J. V. C.; FUJITA, M. S. L.; REDIGOLO, F. M. Representación temática del material audiovisual en repositorios multimedia de instituciones federales brasileñas: un estudio de caso con un concepto paradigmático. **Scire: Representación Y organización Del Conocimiento**, v. 28, n. 1, p. 23–32, 2022. DOI: 10.54886/scire.v28i1.4755.
- ÁVILA, B. T.; SILVA, M.; CAVALCANTE, L. Uso de Repositórios Digitais como Fonte de Informação por Membros das Universidades Federais Brasileiras. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 27, n. 3, 2017. DOI: 10.22478/ufpb.1809-4783.2017v27n3.31514. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/ies/article/view/31514>. Acesso em: 20 dez. 2024.
- BARBOSA, A. G.; SÁ, J. P. S. de; SANTA ANNA, J. Participação do bibliotecário na organização de eventos: o caso do lançamento de livros da Associação de



Bibliotecários do Estado de Minas Gerais. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, [s.l.], v. 15, p. 218–240, 2019. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1345>. Acesso em: 29 maio 2024.

BARRETO, Aldo de Albuquerque. OS DESTINOS DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: ENTRE O CRISTAL E A CHAMA. **Informação & Sociedade: Estudos**, [s.l.], v. 9, n. 2, 1999. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/397>. Acesso em: 6 fev. 2025.

BORGES, E. V. E.; ALMEIDA JÚNIOR, O. F. de. Apropriação: um pilar central da Ciência da Informação. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 28, n. 4, p. 119843, 2022. DOI: 10.19132/1808-5245284.119843. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/119843>. Acesso em: 21 jun. 2025.

BORKO, Harold. Information Science: What is it?. **American Documentation**, v. 19, n. 1, p. 3-5, Jan. 1968.

BRAGATO BARROS, Thiago Henrique. A Indexação e a Arquivística: aproximações iniciais no universo teórico da organização e representação do conhecimento. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, [s.l.], v. 21, n. 46, p. 33–44, 2016. DOI: 10.5007/1518-2924.2016v21n46p33. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2016v21n46p33>. Acesso em: 1 dez. 2024.

BUENO, Wilson da Costa. Comunicação científica e divulgação científica: aproximações e rupturas conceituais. **Informação & Informação**, v. 15, n. 1 esp, p. 1–12, 2010. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/6585>. Acesso em: 20 dez. 2024.

CAMPELLO, Bernadete Santos; CENDÓN, Beatriz Valadares; KREMER, Jeannette Marguerite (org.). **Fontes de informação para pesquisadores e profissionais**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007.

CARIBÉ, Rita de Cássia do Vale. Comunicação científica: reflexões sobre o conceito. **Informação & Sociedade: Estudos**, v. 25, n. 3, p. 89-104, 2015. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/93078>. Acesso em: 1 dez. 2024.

CARVALHO, Leonardo Rodrigues. **Tecnologia Blockchain e as suas possíveis aplicações no processo de comunicação científica**. 2018. 95 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

CERVANTES, B. M. N. *et al.* Representação e recuperação da informação na web:

aspectos teóricos e tecnológicos. **Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia**, v. 13, n. 2, 2018. Acesso em: 1 dez. 2024.

CORREA, F.; ZIVIANI, F.; CHINELATO, F. B. Tipos e usos de ferramentas de apoio a gestão do conhecimento em uma empresa de tecnologia da informação.

**Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, v. 22, n. 48, p. 27–40, 2017. DOI: 10.5007/1518-2924.2017v22n48p27.

COSTA, Sely Maria de Souza; LEITE, Fernando César Lima. Softwares livres para repositórios: alguns subsídios para seleção. *In*: SAYÃO, Luís Fernando *et al.* (org.).

**Implantação e gestão de repositórios institucionais: políticas, memória, livre acesso e preservação**. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 163-202.

CRISTOVÃO, Heloisa Tardi. Da comunicação informal a comunicação formal: identificação da frente de pesquisa através de filtros de qualidade. **Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 3-36, 1979.

DODEBEI, Vera. Novos meios de memória: livros e leitura na época dos weblogs.

**Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, [s.l.], p. 129–143, 2009. DOI: 10.5007/1518-2924.2009v14nesp1p129. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2009v14nesp1p129>. Acesso em: 6 fev. 2025.

DODEBEI, Vera Doyle. Memória e patrimônio: perspectivas de

acumulação/dissolução no ciberespaço. **Aurora: revista de arte, mídia e política**, São Paulo, v. 10, p. 36-50, jan. 2011. Disponível em:

<https://revistas.pucsp.br/index.php/aurora/article/view/4614>. Acesso em: 6 fev. 2025.

FACHIN, G. R. B. *et al.* Gestão do conhecimento e a visão cognitiva dos repositórios institucionais. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 14, p. 220–236, 2009.

Disponível

em: (<https://www.scielo.br/j/pci/a/z637JHjRXbv36vHmYLxJvsk/?format=pdf&lang=pt>). Acesso em: 10 dez. 2024.

FALCI, Carlos Henrique Rezende. Memórias culturais em construção: novas formas de memória em ambientes online. **Revista Extraprensa**, São Paulo, v. 3, n. 3, p.

256–266, 2010. DOI: 10.11606/extraprensa2010.77167. Disponível em:

<https://revistas.usp.br/extraprensa/article/view/77167>. Acesso em: 6 fev. 2025.

GARCIA, Joana Coeli; TARGINO, Maria das Graças. Open peer review sob a ótica de editores das revistas brasileiras de Ciência da Informação. *In*: ENCONTRO

NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 18., 2017, Marília.

**Anais [...]**. Marília: Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, 2017. Disponível

em: (<http://enancib.marilia.unesp.br/index.php/xviiienancib/ENANCIB/paper/view/19>). Acesso em: 1 dez. 2024.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GUÉDON, Jean-Claude. It's a repository, it's a depository, it's an archive...: open access, digital collections and value. **ARBOR Ciencia, Pensamiento y Cultura**. Disponível em: <http://arbor.revistas.csic.es/index.php/arbor/article/viewFile/315/316>. Acesso em: 1 dez. 2024.

GUIMARÃES, M. C. S.; SILVA, C. H. da; NORONHA, I. M. H. **RI é a resposta, mas qual é a pergunta?** Primeiras anotações para a implementação de repositório institucional. [s.l.]: EDUFBA, 2009. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/1342>. Acesso em: 1 dez. 2024.

GUIMARÃES, V. A. L.; INNOCENTINI HAYASHI, M. C. P. Os Eventos Científicos: espaços privilegiados para a comunicação da ciência. **Comunicologia - Revista de Comunicação da Universidade Católica de Brasília**, v. 7, n. 2, p. 204-229, [2014?]. Acesso em: 6 mar. 2024.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

HAYASHI, Maria Cristina Piumbato Innocentini; GUIMARÃES, Vânia Alice Lqui. A comunicação da ciência em eventos científicos na visão de pesquisadores. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 22, n. 3, p. 161–183, 2016. DOI: 10.19132/1808-5245223.161-183. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/63251>. Acesso em: 23 jun. 2025.

LACERDA, A. L. de *et al.* A importância dos eventos científicos na formação acadêmica: estudantes de biblioteconomia. **Revista ACB**, v. 13, n. 1, p. 130–144, 2008. Disponível em: <https://revistaacb.emnuvens.com.br/racb/article/view/553>. Acesso em: 6 mar. 2024.

MARCONDES, Carlos Henrique. Representação e economia da informação. **Ciência da Informação**, [s. l.], v. 30, n. 1, 2001. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/939>. Acesso em: 23 jun. 2025.

MELO, Bárbara Karoline da Silva Bandeira de. **Fluxo da comunicação científica na área de ciência da informação no Brasil**: análise da produção científica relacionada com teses defendidas de 2008 a 2010. 2014. 144 f. Monografia (Bacharelado em Biblioteconomia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

MIRANDA, Antonio Luiz Caldas de; SIMEÃO, Elmira Lúcia Maciel dos Santos. Da Comunicação Extensiva ao Hibridismo e Animaverbivocovisualidade (AV3). **Informação & Sociedade: Estudos**, [s.l.], v. 24, n. 3, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/ies/article/view/19075>. Acesso em: 20 dez. 2024.

MOLINA, Letícia Gorri; VALENTIM, Marta Lúcia Pomim. Memória organizacional, memória corporativa e memória institucional: discussões conceituais e terminológicas. **Revista EDICIC**, [s.l.], v. 1, n. 1, p. 262–276, 2021. DOI: 10.62758/re.v1i1.13. Disponível em: <https://ojs.edicic.org/revistaedicic/article/view/13>. Acesso em: 1 dez. 2024.

MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. A comunicação científica e o movimento de acesso livre ao conhecimento. **Ciência da Informação**, [s. l.], v. 35, p. 27–38, 2006. Disponível em: (<https://www.scielo.br/j/ci/a/nGD3MkKfNxtjnnWshf3YVjP/?lang=pt>). Acesso em: 23 jun. 2025.

NORA, Pierre; KHOURY, T. Y. A. ENTRE MEMÓRIA E HISTÓRIA: A PROBLEMÁTICA DOS LUGARES. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, [s. l.], v. 10, 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>. Acesso em: 23 jun. 2025.

NOVO, Hildenise Ferreira. Representação do conhecimento ou representação conceitual?: uma investigação epistemológica no âmbito da ciência da informação e da filosofia nas considerações de deleuze e guatarri. **Ponto de Acesso**, v. 7, n. 3, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/9328>. Acesso em: 23 jun. 2025.

OLIVEIRA, Eliane Braga de; RODRIGUES, Georgete Medleg. O tema memória na ciência da informação: uma análise da produção científica brasileira. *In*: RONCAGLIO, Cynthia; SIMEÃO, Elmira (org.). **Gestão da memória**: diálogos sobre políticas de informação, documentação e comunicação para a Universidade de Brasília. Brasília: Editora UnB, 2016. p. 9-292.

OLIVEIRA, Érica Beatriz Pinto Moreschi de; NORONHA, Daisy Pires. A comunicação científica e o meio digital. **Informação e Sociedade**, João Pessoa, v. 15, n. 1, p. 75-92, 2005.

OTLET, Paul. **Tratado de documentação**: o livro sobre o livro: teoria e prática. Tradução de Taiguara Villela Aldabalde *et al.* Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2018. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/32627>. Acesso em: 4 maio 2024.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

RODRIGUES, B. C.; CRIPPA, G. A recuperação da informação e o conceito de informação: o que é relevante em mediação cultural?. **Perspectivas em Ciência da Informação**, [s. l.], v. 16, p. 45–64, 2011. DOI: 10.1590/S1413-99362011000100004. Acesso em: 23 jun. 2025.

RONCAGLIO, Cynthia; SIMEÃO, Elmira (org.). **Gestão da memória**: diálogos sobre políticas de informação, documentação e comunicação para a Universidade de Brasília. Brasília: Editora UnB, 2016.

SILVA, D. V. da. **A representação e a recuperação da informação**: bases, diálogos e contribuições para o fazer arquivístico. [s.l.], 2019. Disponível em: <http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/40042>. Acesso em: 23 jun. 2025.

SILVA, E. L. da; FERREIRA DE SOUSA, M. R. Diretrizes para estruturação de repositórios de objetos virtuais de aprendizagem: aspectos de arquitetura da informação, estruturas de representação e usabilidade. **Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia**, [s.l.], v. 16, n. 4, p. 24–34, 2022. Disponível em: <https://pbcib.com/index.php/pbcib/article/view/61087>. Acesso em: 23 jun. 2025.

SILVA, Fabiano Couto Corrêa da. **Gestão de dados científicos**. Rio de Janeiro: Interciência, 2020.

SIMEÃO, Elmira *et al.* Planejamento e Multivocalidade na elaboração de um política de informação, documentação e comunicação para a Universidade de Brasília. In: RONCAGLIO, Cynthia; SIMEÃO, Elmira (org.). **Gestão da memória**: diálogos sobre políticas de informação, documentação e comunicação para a Universidade de Brasília. Brasília: Editora UnB, 2016. p. 9-292.

TARGINO, Maria das Graças. Ciência, divulgação e eventos técnicos-científicos. In: ENCONTRO DOS NÚCLEOS DE PESQUISA DA INTERCOM, 6., 2006, Brasília. **Anais [...]**. Brasília: [s. n.], 2006. p. 1-16.

TARGINO, Maria das Graças. COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA: uma revisão de seus elementos básicos. **Informação & Sociedade: Estudos**, 30 jan. 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.org/ojs/index.php/ies/article/view/326>. Acesso em: 4 maio 2024.

TARGINO, Maria das Graças. Divulgação de resultados como expressão da função social do pesquisador. In: ENCONTRO NACIONAL DE ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 4., 2000, Brasília. **Anais [...]**. Brasília: [s. n.], 2001. p. 11-35.

VIGNOLI, R. G.; ALMEIDA, P. O. P. de; CATARINO, M. E. Folksonomias como ferramenta da organização e representação da informação. **RDBCi: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, [s. l.], v. 12, n. 2, p. 120–135, 2014. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1606>. Acesso em: 23 jun. 2025.

WEITZEL, Simone da Rocha. O papel dos repositórios institucionais e temáticos na

estrutura da produção científica. **Em Questão**, v. 12, n. 1, p. 51–71, 2006. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4656/465645954004.pdf>. Acesso em: 4 maio 2024



## ANEXO A – Exemplo de produtos informacionais

### EXEMPLOS DE PRODUTOS INFORMACIONAIS

3º ETAPA (resultados da análise)

Redes sociais: Instagram



### EXEMPLOS DE PRODUTOS INFORMACIONAIS

3º ETAPA (resultados da análise)

Entrevistas e depoimentos



3º ETAPA

## EXEMPLOS DE PRODUTOS INFORMACIONAIS

Repositório da Memória do SHB



XIV Seminário Hispano Brasileiro 2025

3º ETAPA

## EXEMPLOS DE PRODUTOS INFORMACIONAIS

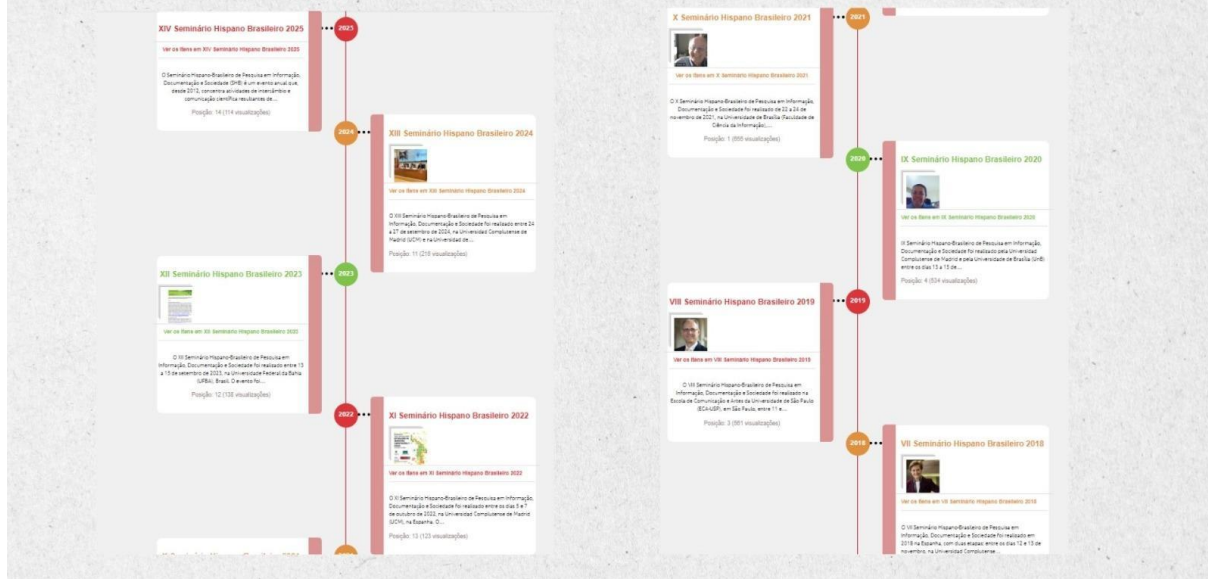
Repositório da Memória do SHB





## EXEMPLOS DE PRODUTOS INFORMACIONAIS

## Repositório da Memória do SHB





## EXEMPLOS DE PRODUTOS INFORMACIONAIS

## Repositório da Memória do SHB

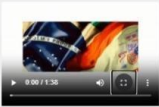
The screenshot displays the website interface for the SHB Memory Repository. The top navigation bar includes links for 'Evento Atual', 'Ver Itens', 'Ver Exposições', 'Ver as Coleções', 'Programação dos eventos', 'Recordar é viver', 'Estatísticas', 'Equipe técnica', and 'Sobre o repositório'. A red 'ENTRAR' button is also present.

The main content area is titled 'VII Seminário Hispano Brasileiro 2018' and features a detailed description of the event, including its theme, location, and key activities. Below the text, there are three tabs: 'CIENTÍFICO', 'TÉCNICO', and 'CULTURAL'. The 'CIENTÍFICO' tab is currently selected, showing a document titled 'Impacto de los profesionales de la información: sensibilización y acción'.

On the right side, there is a section for 'Video de apresentação 2018 - VII Seminário Hispano-Brasileiro' and a 'Palestra Magna 2018: "Impacto de los profesionales de la información: sensibilización y acción"' by Alicia Sellés Carot, Presidenta da FESABID. A YouTube link is provided for the video.

 [Evento Atual](#) [Ver Itens](#) [Ver Exposições](#) [Ver as Coleções](#) [Programação dos eventos](#) [Recordar é viver](#) [Estatísticas](#) [Equipe técnica](#) [Sobre o repositório](#)  [ENTRAR](#)

VÍDEO DE APRESENTAÇÃO 2018 - VII SEMINÁRIO HISPANO-BRASILEIRO



**Dublin Core**

**Título**  
Vídeo de apresentação 2018 - VII Seminário Hispano-Brasileiro

**Autor**  
Maykon Medonça da Silva  
Nathalia Lima de Souza  
Zaqueu Isaque Alves Cabral

**Descrição**  
Vídeo de apresentação do VII Seminário Hispano-Brasileiro de Investigação em Informação, Documentação e Sociedade.

**Data**  
2018

**Direitos**

**Coleção**  
VII Seminário Hispano-Brasileiro 2018

**Referência**  
Maykon Medonça da Silva, Nathalia Lima de Souza, e Zaqueu Isaque Alves Cabral, "Vídeo de apresentação 2018 - VII Seminário Hispano-Brasileiro," *Memória do Seminário Hispano-Brasileiro*, acesso em 8 de julho de 2023, <http://hispano-brasileiro.com.br/items/show/643>.